



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ANA PAULA BEZERRA DE SOUZA OLIVEIRA

**DIFICULDADES DA ESCRITA E LEITURA NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL: Percepções de professores da EMEIF
Nova Conquista I, em Itaituba- Pará.**

ITAITUBA/PA
2021

ANA PAULA BEZERRA DE SOUZA OLIVEIRA

**DIFICULDADES DA ESCRITA E LEITURA NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL: Percepções de professores da EMEIF
Nova Conquista I, em Itaituba- Pará.**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Faculdade de Itaituba.
Orientadora: Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

ITAITUBA/PA
2021

OLIVEIRA. Ana Paula Bezerra de Sousa,
DIFICULDADES DA ESCRITA E LEITURA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: Percepções de professores da EMEIF Nova Conquista I, em
Itaituba- Pará. CLPL da FAI, 2021: Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) –
Faculdade de Itaituba-FAI, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia,
Itaituba-Pará/ 2021.

63 Fls.

Orientadora: Prof.^a Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

1.Leitura e escrita. Dificuldades. Ensino Aprendizagem. I CRUZ. Lucia Maria da
Costa Cruz. II. Faculdade de Itaituba- FAI. Itaituba, BR- PA, 2021.

**DIFICULDADES DA ESCRITA E LEITURA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: Percepções de professores da EMEIF Nova Conquista I, em
Itaituba-Pará.**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Prof.^a Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ **Nota:** _____

Prof.^a Lúcia Maria da Costa Cruz, Esp.

Avaliador 1: _____ **Nota:** _____

Prof.^a Edilane da Silva Melo, Esp.

Avaliador 2: _____ **Nota:** _____

Prof.^a Reuma de Sá Almeida Barros, Esp.

Resultado: _____ **Média:** _____

Data: 01 de Abril de 2021.

Dedico este trabalho a Deus por
amparar-me constantemente e à
minha família pelo apoio
incondicional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo amor maior.

Ao meu esposo, Elias Carvalho de Oliveira, pela compreensão e ajuda durante minha caminhada.

Às minhas filhas, Allana de Souza Carvalho e Evellyn de Sousa Carvalho, pelo amor e carinho a mim dedicados, mesmo nos momentos de minha ausência.

Aos meus pais, Maria Lucia Bezerra de Sousa e Antônio Lopes de Sousa pelo incentivo para eu continuar meus estudos.

Aos meus irmãos, Liliana Bezerra de Sousa, Leilane Bezerra de Sousa, Patrícia Bezerra de Sousa, Angelina Bezerra de Sousa e Anderson bezerra de Sousa, pelo amor fraterno e incondicional.

Meus sinceros agradecimentos aos meus colegas e amigos de curso, que muito me incentivaram na caminhada universitária.

Aos professores da FAI, minha gratidão, por orientar-me e repassar conhecimentos necessários para a minha vida pessoal e profissional, especialmente ao professor Francisco Cláudio, coordenador do curso de Pedagogia, pelo empenho e dedicação ao curso.

À minha Orientadora Prof^a. Lúcia Maria da Costa Cruz, pelas orientações e apoio a fim de produção deste trabalho.

Enfim, a todos os que direta ou indiretamente contribuíram para a minha vitória.

“A leitura torna o homem completo; a conversação torna-o ágil; e o escrever dá-lhe precisão”.

(Francis Bacon)

RESUMO

O presente trabalho que abordou as dificuldades da escrita e leitura nos anos iniciais do Ensino fundamental foi desenvolvido por meio de uma pesquisa bibliográfica e de campo, com abordagem qualitativa em Outubro de 2020, onde buscou-se analisar as dificuldades da leitura e escrita e no Ensino Fundamental, especificamente nos anos iniciais. Para tanto, investigou-se três professores por meio de questionários para entrevistas individuais, que trabalham na EMEF Nova Conquista I, em Itaituba-Pará, local do estudo. Intencionou-se responder às questões que direcionaram o mesmo, tais como: Quais os desafios do professor em relação à escrita e leitura de alunos nas séries iniciais do Ensino Fundamental? Que recursos didáticos pedagógicos são utilizados para o ensino da leitura e escrita? Quais metodologias são utilizadas para as aulas de leitura e escrita? Objetivou-se analisar os desafios dos para as aulas de escrita e leitura; compreender dificuldades dos docentes para trabalhar a leitura e escrita nos anos iniciais e verificar metodologias para o ensino da leitura e escrita, na escola. Para se chegar aos resultados, ocorreu a coleta e a análise dos dados, as discursões sobre os mesmos, os comentários com as propostas contribuintes a fim de contribuir com o trabalho dos professores para o ensino aprendizagem e a conclusão do mesmo, onde percebeu-se que as dificuldades estão presentes na escola, ao tratar-se da leitura e escrita, e que precisa de um olhar diferenciado para uma problemática que abrange o Brasil.

Palavras-Chave: Leitura e escrita. Dificuldades. Ensino Aprendizagem.

ABSTRACT

The present work that addressed the difficulties of writing and reading in the early years of elementary school, was developed through a bibliographic and field research, with a qualitative approach in October 2020, where we sought to analyze the difficulties of reading and writing in Elementary School, specifically in the early years. To this end, three teachers were investigated by means of questionnaires for individual interviews, who work at EMEF Nova Conquista I in Itaituba-Pará, place of the study. It was intended to answer the questions that directed it, such as: What are the challenges of the teacher in relation to writing and reading students in the initial grades of Elementary School? What pedagogical didactic resources are used to teach reading and writing? What methodologies are used for reading and writing classes? The objective was to analyze the challenges of writing and reading classes; understand teachers' difficulties in working with reading and writing in the early years and checking methodologies for teaching reading and writing at school. In order to arrive at the results, the data was collected and analyzed, the discourses about them, the comments with the contributing proposals in order to contribute with the teachers' work for teaching learning and the conclusion of it, where it was noticed that difficulties are present at school, when it comes to reading and writing, and that it needs a different look at a problem that encompasses Brazil.

Keywords: Reading and writing. Difficulties. Teaching Learning

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Para você, por que há dificuldades na leitura e escrita no ensino aprendizado dos alunos? (Falta de recursos metodológicos, didáticos, etc).....	44
Quadro 2 - Quais os desafios do professor em relação à escrita e leitura de alunos Nos anos iniciais do Ensino Fundamental?.....	45
Quadro 3 - Como você se qualifica para o exercício de docência, sobre escrita e leitura?.....	46
Quadro 4 - Que recursos didáticos pedagógicos são utilizados para o ensino da leitura e escrita?.....	47
Quadro 5 - Quais metodologias são utilizadas para as aulas de leitura e escrita?.....	48
Quadro 6 - A escola dispõe de estrutura e de espaços adequados para as dinâmicas das aulas? Fale sobre.....	50
Quadro 7 - A família contribui para desenvolvimento do aluno? Justifique sua resposta.....	51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 ABORDAGEM SOBRE A LEITURA E ESCRITA.....	13
1.1 CONTEXTUALIZANDO LEITURA E ESCRITA.....	13
1.2 FUNÇÃO SOCIAL DA LEITURA E ESCRITA.....	19
1.3 A IMPORTÂNCIA DE LER E ESCREVER.....	24
2 DESAFIOS PARA O APRENDIZADO DA LEITURA E ESCRITA.....	28
2.1 A ESCOLA E O ENSINO DA LEITURA E ESCRITA.....	28
2.2 A FAMÍLIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O APRENDIZADO DO ALUNO.....	33
2.3 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA A LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA..	36
3 DIFICULDADES DA ESCRITA E LEITURA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DA EMEIF NOVA CONQUISTA I, EM ITAITUBA- PARÁ.....	41
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA.....	41
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	42
3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS.....	42
3.4 RESULTADO DA PESQUISA COM OS PROFESSORES.....	43
3.5 PROPOSTAS CONTRIBUINTES.....	53
CONCLUSÃO.....	55
REFERÊNCIAS.....	57
APÊNDICES.....	60

INTRODUÇÃO

As dificuldades que incidem em desafios da leitura e escrita estão visíveis nas escolas, e sendo estas, as formas de linguagem mais utilizadas pelo homem, implicam em um duplo sistema simbólico, pois permitem transcrever um equivalente visual em um equivalente auditivo. Assim, se faz a comunicação humana.

Por isso, ocorreu uma pesquisa bibliográfica, a fim de embasamento teórico, com teóricos tais como Brasil (1998); José & Coelho (1999); Lajolo (1991); Pain (1985); Silva (1993); Soares (1979) dentre outros; e uma investigação de campo de cunho qualitativo na EMEF Nova Conquista I em Itaituba-Pará, em Outubro de 2020, a fim de analisar os desafios das linguagens escrita e da leitura, de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A fim de nortear o trabalho, foram elaboradas questões tais como: Quais os desafios do professor em relação à escrita e leitura de alunos nas séries iniciais do Ensino Fundamental? Que recursos didáticos pedagógicos são utilizados para o ensino da leitura e escrita? Quais metodologias são utilizadas para as aulas de leitura e escrita?

Quanto aos objetivos do projeto, os mesmos consistiram analisar os desafios dos professores nas dificuldades da escrita e leitura nas séries iniciais; identificar recursos pedagógicos utilizados para as aulas de escrita e leitura; compreender dificuldades dos docentes para trabalhar a leitura e escrita nos anos iniciais e verificar metodologias para o ensino da leitura e escrita, a fim de dinamizar o ensino e chegar-se à aprendizagem.

Para tanto, foram entrevistados três professores que trabalham na escola, por meio de questionários individuais, sendo utilizada a coleta e a análise das respostas dos investigados, que foram devidamente discutidas e comentadas, a sugestão de propostas para contribuir com o trabalho do professor e chegar-se ao ensino-aprendizado eficaz e a conclusão do mesmo.

Sendo estruturado em três capítulos distintos, trabalho apresenta em sua primeira parte, uma abordagem sobre a leitura e escrita, contextualizando-a, trata também da função social da escola e a importância de ler e escrever para a identidade do homem.

O segundo capítulo aborda desafios para o aprendizado da leitura e escrita, a escola e o ensino das linguagens em questão, enfatizando o ensino da leitura e

escrita, ressalta a família e suas contribuições para o aprendizado do aluno, as práticas pedagógicas para a leitura e escrita na escola.

O terceiro capítulo enfatiza a pesquisa e o resultado, cuja relevância é as dificuldades da escrita e leitura nos anos iniciais do ensino fundamental na escola acima mencionada, explana a caracterização da escola, os procedimentos metodológicos da pesquisa, os perfis dos entrevistados, o resultado da pesquisa com os professores, as propostas contribuintes e a conclusão, onde se constatou que as dificuldades e desafios relativos ao ensino aprendizagem da leitura e escrita na escola estão em evidência.

1 ABORDAGEM SOBRE A LEITURA E ESCRITA

1.1 CONTEXTUALIZANDO LEITURA E ESCRITA

Ao tratar-se da leitura e a escrita, percebe-se que são objetivos prioritários na vida do ser humano, onde os alunos possam ler textos adequados à própria idade de forma autônoma, utilizando a leitura com fins de informação e aprendizagem. Esta, que faz parte do aprendizado humano, tornando-se importante na escola para a consecução de novas aprendizagens, melhorando a habilidade e a familiarização progressiva adquirindo o hábito de ler, consistindo para que qualquer leitor que precise, tenha acesso ao texto cuja leitura transforma-se em objetivo.

Assim, é a escola que oportuniza algo tão inevitável como a leitura e escrita, e dessa forma são possíveis que os alunos tornem cidadãos capazes de se interagirem, não somente com as obras oferecidas em instituições de ensino, mas também com a diversidade textual, com o mundo, em grupos sociais, mergulhando na infinita busca do conhecimento. Bagno (2007) ressalta que:

[...] O conhecimento intuitivo que cada falante tem de sua língua materna é um dos mais fascinantes mistérios da ciência. “Por mais que linguistas, psicólogos, biólogos, médicos, antropólogos e filósofos especulem, teorizem e investigue a verdadeira natureza do conhecimento linguístico” a natureza da própria linguagem humana como fenômeno biológico-psicológico-social sempre desafiará os cientistas (BAGNO, 2007, p. 187).

De acordo com o citado, uma criança com quatro anos já é obrigatória adentrar a escola, onde começa o início de sua alfabetização. Porém, essa criança já fala sua língua materna a qual aprendeu em seu meio social e familiar. Um leitor competente consegue interagir e cooperar na interpretação e intenção com a qual o autor construiu sua produção e escrita. Para isso, o mesmo deve buscar outras fontes de conhecimento para chegar ao resultado desejado. Por isso, precisa-se buscar outras fontes de leitura para melhorar seus desempenhos.

Ler e escrever são atividades com que muito a escola se preocupa e que tem sido fundamentalmente, um objetivo de ensino, para que a escola converta a leitura e escrita em objeto de aprendizagem deve preservar sua natureza e complexidade trabalhando com diversidades de textos e combinações entre si. Como relata os Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa (2001, p. 55) que:

[...] Se o objeto é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. Principalmente quando os alunos não têm contato sistemático com bons materiais de leitura e com adultos leitores, quando não participam de práticas onde ler é indispensável, a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leitura eficazes (PCN, 2001, p. 55).

Neste contexto, é evidente que a escola interfere decisivamente na determinação desses resultados, tendo em vista que esta como qualquer outra instituição social, reflete as condições gerais de vida da comunidade em que está inserida.

É verídico que a escola seja um meio próprio ao desenvolvimento leitor de cada integrante da leitura, pois envolve diferentes processos e estratégias de realização na dependência de diferentes condições do texto lido e das funções pretendidas com a mesma. Conforme cita Luft (2002 p. 15), a comunicação é algo nato do ser humano. “O homem é um ser de linguagem”. Por isso, a leitura é importantíssima nas interações pessoais tanto na escrita quanto na fala trazendo vida.

Ela traz a beleza ao desenvolvimento da língua na participação cooperativa na interpretação e na reconstrução do sentido e nas intenções pretendidas completando a atividade da produção escrita supondo muito mais que a simples decodificação dos sinais gráficos elevando sua compreensão.

É preciso o leitor em sua busca, recuperar, interpretar e compreender o conteúdo e as intenções pretendidas pelo autor de um texto. A leitura é uma atividade de acesso ao conhecimento produzido, ao prazer estético e uma atividade de especificidades da escrita.

Segundo Antunes, (1937), é com enormes dificuldades de leitura, que o aluno se vê frustrado no seu esforço de estudar outras disciplinas e, quase sempre, deixa a escola com a quase inabalável certeza de que é incapaz, de que é linguisticamente deficiente, inferior, não podendo, portanto, tomar a palavra ou ter voz para fazer valer seus direitos, para participar ativa e criticamente daquilo que acontece à sua volta. Naturalmente, como tantos outros vão ficar a margem do entendimento e das decisões de construção da sociedade e do ambiente onde vivem.

É através desta interação que se dá o aprimoramento essencial dos termos de codificação e decodificação de palavras e signos eficientes ao entendimento

adequado das diversas situações cognitivas dos termos linguísticos da linguagem utilizada. No primeiro encontro dos alunos com o termo leitura, estes se sentem frustrados pelas dificuldades encontradas, pois esta é algo que vai além do imaginado com seus sistemas linguísticos de informações e entendimentos processuais.

É correto afirmar que a relação com a leitura varia de acordo com o leitor. Toda a leitura indica caminhos, antecipando a sua recepção e despertando leituras anteriores, em um processo de construção e reconstrução. Nessa perspectiva, uma educação comprometida necessita dar espaço para a efetivação desse exercício de escrita e leitura (PASQUALINI, 2012, p. 90).

Considera-se que a leitura é algo extremamente importante e deve ser possibilitada a todos, democratizando os meios que podem contribuir para a redução da desigualdade; e, sobretudo é uma atividade voluntária e prazerosa em que alunos e professores devem estar motivados para aprender e ensinar a ler, não a considerando como uma atividade competitiva, através da qual se ganham prêmios ou sofrem punições. Como bons leitores refugiam na leitura como forma de evasão e encontram prazer e bem estar nela, os maus leitores fogem dela e tendem a evitá-la, tornando-se alienados a uma condição humana de decifrar códigos e compreender o contexto.

O processo de leitura e escrita é a ferramenta básica de inserção no mundo, e o elemento articulador de diferentes linguagens, é o instrumento para interação com diferentes áreas do saber, e é o meio de demonstração do sentir e do pensar. Trabalhar a leitura e a escrita exercita a socialização, pois a livre expressão é responsável por grandes mudanças sociais e desenvolvimento pessoal.

Relativo a isso, Possenti (2003) considera que, mesmo que o indivíduo desenvolva a competência de falar antes de aprender a ler e escrever, e mesmo que tenham existido comunidades ágrafas, atualmente, na sociedade letrada em que se vive saber ler e escrever consiste em uma competência fundamental, não somente à questão, mas também ao bom convívio de modo geral. Sabe-se que não há dúvidas de que a capacidade de ler de modo crítico tornou-se indispensável aos indivíduos, transformando-se em um exercício essencial a realização de diversas atividades cotidianas, proporcionando novos conhecimentos.

Dessa forma, o processo de leitura e escrita garante a compreensão pelo leitor construindo uma ideia sobre seu conteúdo, extraíndo dele o que lhe interessa,

em função dos seus objetivos. Isso só pode ser feito mediante uma ação que permita parar, pensar e relacionar a informação com o conhecimento prévio.

O professor é o importante mediador no processo de ensino aprendizagem tornando-se o responsável na orientação pela interação para o alcance relativo dos objetivos educacionais almejados. Dessa forma constata-se que a leitura realizada em sala com os discentes intervém poderosamente ao aprimoramento da mesma em toda a sociedade em que o indivíduo esteja inserido, pois a partir do momento em que há a inserção pura com a leitura, a escrita é bem mais aperfeiçoada contribuindo ao desenvolvimento da motricidade, desejado. Kleiman (2000) afirma que,

[...] A prática de sala de aula, não apenas da aula de leitura, não propicia a interação entre professor e aluno. Em vez de um discurso que é construído conjuntamente por professores e alunos, temos primeiro uma leitura silenciosa ou em voz alto do texto, e depois, uma série de pontos a serem discutidos, por meio de perguntas sobre o texto, que não leva em conta se o aluno de fato o compreendeu. Trata-se, na maioria dos casos, de um monólogo do professor para os alunos escutarem. Nesse monólogo o professor tipicamente transmite para os alunos uma versão, que passa ser a versão autorizada do texto [...] (KLEIMAN, 2000, p.24).

Neste sentido, cabe ao profissional continuar zelando, compreendendo, conscientizando e estabelecendo uma relação na construção ou reconstrução do hábito de leitura, pois isto implica ser capaz de produzir uma visão global do texto e para isso é necessária muita persistência e estratégias para decifrar as mais variadas formas de linguagem valorizando a leitura como fonte de informação e tendo acesso a um mundo de conhecimento, pois o hábito de ler leva o sujeito a recorrer a fontes de leitura, em função de suas necessidades e objetivos desejados.

Para Ferreira (1992), as crianças são facilmente alfabetizáveis, desde que descubram através de outros informantes e participação em atos sociais onde a escrita sirva para fins específicos. A construção desse conhecimento não é um processo linear, mas um processo precioso de organização e reorganização, para cada um dos quais existem situações conflitivas que podem antecipar-se e progredir.

A linguagem inclui o dialeto utilizado pelo falante que é fruto do seu convívio social. E no contexto escolar ele não deve ser menosprezado, mas, paralelo ao seu dialeto. A criança deve aprender a norma culta da língua. Isso não significa dizer que deva abandonar sua fala coloquial, mas saber empregar a forma correta a cada situação de comunicação social. O papel do professor é direcionar o aluno, sob as

técnicas e formas mais convenientes, a adquirir competência linguística, sem, portanto, desprezar sua língua materna e sua cultura familiar.

A função da escola é introduzir a criança no mundo da escrita, tornando-a um cidadão totalmente letrado, isto, é um sujeito capaz de fazer uso da linguagem escrita para a sua necessidade individual de crescer cognitivamente e para atender às varias demandas de uma sociedade que prestigia esse tipo de linguagem como um dos instrumentos de comunicação (MELLO, 2005, p. 7).

Dessa forma, a partir do momento que se entende a língua como essencial nas decodificações, esta se torna um meio indicativo de toda e qualquer utilização social, sendo eficiente em toda sua dimensão tornando-se assim mais prazerosa e eficaz, integrando nas decisões construtivas e socialmente. Ler é o modo mais prazeroso e eficaz de adquirir conhecimento e viver uma ora realidade.

A leitura possibilita uma intimidade maior com as ideias, temas e uma liberdade também maior, porque a todo o momento, o livro está à disposição do leitor para ser lido, relido, escolhendo-se esta ou aquela história, este ou aquele poema, o que permite refletir e entendê-los melhor. Sobretudo, é necessária a compreensão de que a leitura e a escrita são práticas complementares fortemente relacionadas, que se modificam mutuamente no processo de letramento, a escrita a fala e a fala influencia a escrita.

Neste sentido, o ensino deve ter como meta formar leitores que sejam também capazes de produzir textos coesos e coerentes adequados e ortograficamente escritos, pressupondo transforma o desenvolvimento de uma atitude de leitor(a) crítico(a), o que significa entre outros aspectos perder a ingenuidade diante do texto dos outros, percebendo que atrás de cada um, há um sujeito com certa experiência histórica com um determinado universo de valores com uma intenção de conhecer. E para que isso aconteça, é necessária a motivação, o incentivo, o querer aprender ler e ler, e compreender, conhecer uma forma diferente de ver o mundo, com outro olhar. É preciso a leitura ter encanto e fascinação.

Acreditamos que no atual cenário de “desencanto escolar” motivar seria a palavra chave para o resgate do interesse pelo aprender, pois etimologicamente a palavra motivo vem do latim “movere”, “motum” e significa àquilo que faz mover, em consequência motivar significa movimento (BARBOSA, 2006 p. 27-49).

Torna-se importante ressaltar que além de recursos visuais, a motivação Pela leitura deve ser treinada; pois todos os funcionários da escola participem como alfabetizadores, de acordo com o cargo que ocupam, através de informações, mensagens ou advertências, expostas em seu lugar de trabalho, promovendo deste modo, um ambiente acolhedor, onde a leitura e a escrita estão sempre presentes, numa quantidade moderada, de acordo com os interesses dos alunos, da quantidade e os tipos de recursos oferecidos pela Instituição, como também a estrutura da escola, a biblioteca e demais que possam contribuir.

Diante disto, desde o início de sua vida comunicativa, o homem busca novas formas de interagir tanto na escrita e na oralidade, mostrando que falar uma língua não depende de instruções específicas para tal fim. O conhecimento prévio também de tipos de textos faz com que o leitor tenha expectativas a respeito do que vai ler. Essas expectativas se referem não somente ao conteúdo do texto, mas também à sua estrutura gramatical, ao seu vocabulário e ao formato visual, ao objeto utilizado pelo leitor, que deve ser um motivo de querer ler. Barbosa (2006) afirma que:

...quando encontramos na escola um aprendiz com dificuldades para aprender precisamos, além de conhecer o sintoma, ou seja, a dificuldade apresentada, observá-la e entender como ela acontece naquele momento, o papel do contexto no seu aparecimento e, também, estudar a gênese da dificuldade através da história do aprendiz (BARBOSA, 2006, p. 236).

Mediante o exposto, a compreensão de um texto, o conhecimento de mundo e a experiência de vida, dependem muito da combinação de organização e informação, estrutura gramatical e vocabulário, determinando a relação entre texto e leitor. A leitura não precisa também contemplar somente a norma culta, textos com linguagem popular são muito apreciados pelos alunos, principalmente os pré-adolescentes.

Portanto, a leitura tem por finalidade levar a outros mundos possíveis, com motivação e técnica; seja através da literatura ou das revistas e livros. Pode proporcionar o entretenimento com o ato de ler, ao mesmo tempo em que favorece a reflexão sobre a realidade ou a fuga de dificuldade que se enfrenta cotidiano. Além disso, desperta sonhos, curiosidades e ativa a criatividade. Textos interessantes podem criar no sujeito o prazer pela leitura. Considera-se ainda que, para se formar um leitor, ele próprio deve escolher que tipo de literatura lhe é mais prazeroso.

Desse ponto de partida pode tornar-se um leitor assíduo e competente. Assim concretizam-se os objetivos, sabendo que o aluno é um ser capaz de introduzir em seu intelecto conhecimento claro que facilita todo seu aprendizado e a forma de ver o mundo diferenciado.

1.2 FUNÇÃO SOCIAL DA LEITURA E ESCRITA

Atualmente, na sociedade, a leitura faz parte do cotidiano do cidadão e está presente em todos os espaços e a todo o momento, cumprindo diferentes funções sociais. Assim, já não se considera um leitor aquele que apenas declara saber decifrar o código linguístico; mas aquele que sabe usar a leitura para exercer uma prática social e significativa para a vida. Todavia, para acontecer este fato, torna-se necessário que a escola simultaneamente aos paradigmas tradicionais do ensino da leitura, possa se abrir ao novo, adotar uma nova postura de ensinar que provoque no seu aluno o hábito de ler e a magia de querer aprender mais.

Neste sentido, considerando-se que a Leitura é condição essencial para que o aluno possa compreender o mundo, os outros, suas próprias experiências e a necessidade de inserir-se no mundo da escrita, torna-se imperativo desenvolver no aluno a capacidade da leitura e fazê-lo ir além da simples decodificação de palavras.

Diante da diversidade de textos como anúncios, cartas, artigos, placas e demais deparados pelo leitor, cabe à escola levar o aluno a captar, por que o escritor está dizendo no texto e no contexto; ou seja, ler as entrelinhas. Pode-se ir mais além da decodificação, isto é, da leitura inicial, o aluno deve ser levado não só a assimilar o que o texto diz, mas também como, o quê e para que diz. Assim, freire (1989) afirma que,

[...] A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1989, p. 12).

Existe uma relação entre a escola, à leitura e a vida; que poderia ser muito mais significativa se o professor não se distanciasse tanto do contexto social do aluno. A melhor coisa que deve ser feita para que os discentes gostem de ler é produzir espaços na sala de aula para a manipulação e leituras de materiais escritos

e variados, onde o aluno possa ter contato com diversos gêneros textuais, que despertem nele o interesse e o prazer da leitura, cumprindo assim funções diferenciadas dentro da sociedade.

Desse modo, ler, tendo em vista as especificidades do processo inicial da língua escrita e oral, é sem dúvida o caminho para superação dos problemas que se enfrentam nesta etapa da escolarização, porque só assim têm-se professores capazes de operacionalizar em métodos e procedimentos do ensino da leitura e escrita no cotidiano escolar.

Assim, o ato de letramento é mais que alfabetizar. A alfabetização deve se desenvolver em um contexto de letramento, como início da aprendizagem da escrita, como desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais. Alfabetizar letrando é, portanto, ensinar a ler e escrever o mundo, ou seja, no contexto das práticas da leitura e da escrita, tendo em vista que a linguagem é um fenômeno social.

O processo de ensino-aprendizagem de leitura e escrita na escola não pode ser configurado como um mundo à parte, mas deve ter a finalidade de preparar o sujeito para a realidade na qual se insere. A educação, sendo uma prática social, não pode restringir-se a ser puramente por livros, teoria, sem compromisso com a realidade local e com o mundo em que se vive. Educar é também um ato político. É preciso resgatar o verdadeiro sentido da educação e da compreensão humana. De acordo com Freire (1989),

(...) o ato de estudar, enquanto ato curioso do sujeito diante do mundo é expressão da forma de estar sendo dos seres humanos, como seres sociais, históricos, ser fazedor, transformador, que não apenas sabem, mas sabem que sabem. Assim, quando os alunos são o sujeito da própria aprendizagem, seres fazedores, transformadores [...] (FREIRE, 1989, p. 59).

Diante do que cita o autor, é preciso ter consciência de que se sabe e pode-se transformar o já está feito, construído. Deixar a passividade e a alienação para se constituírem como seres políticos, é necessário, para seguir o curso e a complexidade que a mente humana exige.

Assim, a partir do momento em que o aluno perceber a riqueza de conhecimentos e de prazer que pode encontrar na leitura, compreenderá que “ler é (...) não só uma ponte para a tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela

escrita e passa a compreender-se no mundo, constituindo sua identidade” (SILVA, 2005, p. 45). Em uma educação significativa, o aluno não pode ser um simples objeto nas mãos do professor, para ser construído um saber significativo.

O letramento não é só responsabilidade do professor de Língua Portuguesa, mas de todos os educadores que trabalham com leitura e escrita, pois cada área do conhecimento tem suas peculiaridades, que só os professores que nela atuam é que conhecem e dominam. É essencial que os educadores ampliem sua visão sobre esse tema, inserindo os alunos em outros ambientes que levam ao letramento como: a dança, a música, a pintura, etc., isso possibilita a criação do sentimento de cidadania, já que o indivíduo conhece ou passa a ter acesso a diferentes formas de aprendizagem e também de conhecimentos culturais dos alunos.

Conforme Soares (2008) constitui um grave problema a existência de pessoas que se preocupam com a alfabetização, sem se preocupar com o contexto social em que os alunos estão inseridos. A escola deve criar as condições necessárias para o letramento, pois temos consciência de que ela não forma leitores sozinha, mas sabemos também que a instituição educacional é fundamental para ajudar nessa formação já que as crianças muitas vezes aprendem o código, a mecânica, mas depois não aprendem a usar.

Assim sendo, a tarefa de alfabetizar letrando significa dar subsídios aos alunos para que estejam preparados para usar vários tipos de linguagem em qualquer tipo de situação, havendo assim uma escolarização real e efetiva, desenvolvendo nos alunos um conjunto de habilidades e comportamentos de leitura e escrita que lhes permitam fazer uso, de forma mais eficiente das capacidades técnicas de leitura e de escrita.

De acordo com Silva (2005, p. 97), “(...) as crianças nunca chegam à escola num estado de ignorância, mas podem chegar analfabetas. Elas talvez não saiam analfabetas, mas podem sair ignorantes...”. Nesse sentido, para realizar um trabalho significativo de leitura, cabe ao professor mostrar aos alunos uma pluralidade de discursos. Trabalhar com diferentes textos possibilita ao professor fazer uma abordagem mais consciente das variadas formas de uso da língua. Assim, este pode transformar a sua sala de aula num espaço de descobertas e construção de conhecimentos. Ademais, a tarefa de selecionar materiais de leitura para os alunos é uma das tarefas mais difíceis.

Na seleção do professor, deve constar questão de diferentes sobre a aprendizagem, os processos de leitura, a compreensão, as funções dos textos e o universo do discurso. Além disso, coloca-se em jogo a representação que tem cada docente não só do desenvolvimento cognitivo e sócio afetivo dos sujeitos a quem serão dirigidos os materiais, mas também dos interesses de leitura de tais destinatários.

Dessa forma, também intervém como variável significativa o valor que o docente atribui aos materiais como recursos didáticos. Trabalhar com gêneros textuais variados nos permite entender que a escolha de um gênero leva em conta os objetivos visados, o lugar social e os papéis dos participantes. Daí decorre a detecção do que é adequado ou inadequado em cada uma das práticas sociais e os recursos a serem utilizados.

Conforme se pronuncia Soares (2008), quando fala de uma versão fraca e de uma versão forte do conceito de letramento, a versão fraca estaria ligada a mecanismos de adaptação da população às necessidades e exigências sociais do uso da leitura e da escrita, para funcionar dentro de uma sociedade. É uma visão que está ligada no conceito de alfabetismo funcional, ou seja, pessoas que não sabem fazer o uso correto da leitura e da escrita para funcionar dentro de uma sociedade de maneira adequada.

Neste contexto, a versão forte de letramento, estaria mais próxima ao enfoque ideológico e da visão freiriana de alfabetização, esta versão forte seria revolucionária e crítica, na medida em que colaboraria não para a adaptação do cidadão, às exigências sociais, mas sim, para o resgate da autoestima na construção de uma identidade forte e para a valorização de sua cultura e da realidade do aluno. Segundo Kleiman (2000),

O letramento é complexo, envolvendo muito mais do que uma habilidade (ou conjunto de habilidades) ou uma competência do sujeito que lê. Envolve múltiplas capacidades e conhecimentos, muitos dos quais não têm necessariamente relação com a leitura escolar, e sim com a leitura de mundo, visto que, o letramento inicia-se muito antes da alfabetização, ou seja, quando uma pessoa começa a interagir socialmente com práticas de letramento no seu mundo social (KLEIMEN, 2000, p. 18).

Soares (2008) aborda que, a partir do momento em que uma criança nasce numa sociedade centralizada em grafias, rodeada de material escrito e de pessoas que usam a leitura e reconhecendo desde cedo o sistema de escrita, diferenciando-o

de outros sistemas gráficos como desenhos, por exemplo, e quando ela chega à escola, cabe à educação formal orientar metodologicamente esses processos, e a educação infantil é só o início dessa orientação, pois, o letramento é um processo que se estende por todos os anos de escolaridade e mais que isso, por toda a vida.

Na realidade, alfabetização e letramento são dois processos que caminham juntos, só que o letramento, como já vimos, antecede a alfabetização, permeia todo o processo de alfabetização e continua a existir quando já estamos alfabetizados. “Um dos objetivos principais da escola é possibilitar que os alunos participem das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita na vida, de maneira ética, crítica e democrática” (ROJO, 2009, p. 98).

Mediante Tfouni (2006, p.23), “não existe nas sociedades modernas, o letramento “grau zero”, que equivaleria ao “iletramento”, o que existe de fato nas sociedades são “graus de letramento”, sem que isso pressuponha a sua inexistência”. De um lado, existe nas sociedades o desenvolvimento científico e tecnológico, decorrente do letramento, e, existe também um desenvolvimento correspondente ao nível individual, ou de pequenos grupos sociais, que independe da alfabetização e escolarização. Assim, “letradas” seriam aquelas pessoas que sabem ler e escrever e “iletradas” poderia então, ser usado como sinônimo de analfabeto aquele não identifica símbolo algum.

Dessa maneira, a leitura sempre teve um papel social de grande interferência na sociedade, como pesquisa educacional e a evolução da leitura na sociedade diante dos problemas sociais, políticos e econômicos. Soares (2008, p. 58) afirma que:

O nível de letramento está fundamentalmente ligado com as condições sociais, culturais e econômicas da população e, é necessário que antes de pensarmos em letramento, especificamente o escolar tem que criar “condições para o letramento”, onde haja escolarização real e efetiva da população, com disponibilidade de material de leitura, visto que, se alfabetizam crianças e adultos, mas não lhes são dadas as condições para ler e escrever, não há material impresso posto à disposição num preço acessível, e nem bibliotecas num número essencial à população brasileira (SOARES, 2008, p.58).

Assim, a relação entre letramento e escolarização, é estreita, controla mais do que expande o conceito de letramento, selecionando e dividindo em partes o que deve ser aprendido, planejando em períodos, bimestres, séries, etc. Desse modo, as escolas fragmentam e reduzem as habilidades e práticas de leitura e escrita,

gerando um conceito limitado e, em geral insuficiente para responder as exigências das práticas de leitura e escrita fora da escola.

Portanto, é preciso que o aluno tenha o hábito diário de ler, fazendo com que desde pequenos tenhamos em mãos um livro, uma revista, um jornal, enfim algo que lhes seja prazeroso e que lhes dê uma visão melhor e mais real da sociedade que lhe cerca para assim não só possuir consciência crítica, mas se tornar crítico e construtivo. Precisa-se ter embasamento, solidez nos atos e nas atitudes, para assim construir o conhecimento por meio da literatura.

1.3 A IMPORTÂNCIA DE LER E ESCREVER

A arte de se comunicar é própria do ser humano. Vive-se em uma sociedade cada vez mais complexa, com mutações sociais precipitadas e constantes imprevisibilidades e alterações. Além disso, o uso condicional das novas tecnologias e a sede por informações expressa nas pessoas à precisão de adaptabilidade, opinião crítica, criatividade, competência para a inovação e abertura ao novo. O incremento de uma sociedade de informação impõe-se, portanto, no mundo tecnológico e na realidade contemporânea.

Diante disso, a leitura reflexiva representa uma das boas vias para entender a realidade. É verídico que em nossa sociedade as práticas leitoras são pouco incentivadas e desenvolvidas e a escola precisa rever isso. Desta forma, dado a sua importância, a leitura deve ser estimulada e integrada ao cotidiano dos estudantes e de todos, para que se construa uma cultura de leitores assíduos e bem informados. Silva (1987) aborda que,

A leitura não pode ser confundida com decodificação de sinais, com reprodução mecânica de informações ou com respostas convergentes a estímulos escritos pré-elaborados. Esta confusão nada mais faz do que decretar a morte do leitor, transformando-o num consumidor passivo de mensagens não significativas e irrelevantes (SILVA, 1987, p. 96).

Diante disso, a concretização da formação de leitores exige da escola e dos demais membros dos setores do processo educativo, ações que estimulem o pensamento, a criticidade, a criação, apresentando materiais de leitura diversos, com os quais seja possível despertar e estimular o gosto pela leitura, desde os primeiros anos escolares.

Neste sentido, para criar situações que possam fazer florescer o pensamento crítico do que é lido, o professor precisa de um planejamento conciso e moldurado de acordo com a clientela específica. A importância da alfabetização leitora é o princípio do gosto por ler, compreender e apreciar o que se ler. De acordo com dados do Ministério da Educação, no que diz respeito aos Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa (2011):

Conhecimento atualmente disponível a respeito do processo de leitura indica que não se deve ensinar a ler por meio de práticas centradas na decodificação. Ao contrário, é preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a ler usando os procedimentos que os bons leitores utilizam. É preciso que antecipem que façam inferências a partir do contexto ou do conhecimento que possuem que verifiquem suas suposições tanto em relação à escrita; propriamente, quanto ao significado (PCN, 2011, p. 22).

Sempre a educação esteve presente concomitantemente com a leitura. Além de decodificar, derivou-se a necessidade de leitura reflexiva, independente do contexto em que o texto se apresente e de seu leitor. Sobre este relevante quando se fala de leitura, é verídico que em nossa sociedade as práticas leitoras são extremamente indispensáveis, mas pouco repensadas, incentivadas e desenvolvidas. Entretanto, a escola é responsável por dar grande estímulo e produzir variadas condições para o ato de ler e se expressar de forma adequada por meio da leitura.

Por conseguinte, mesmo que sem exclusividades, fica para a escola a incumbência de praticar a leitura e formar leitores, porquanto essas competências precisam ser desenvolvidas ao largo da vida escolar dos educados. A leitura reflexiva é a melhor forma de se entender a nossa realidade social e o contexto em que os alunos estão inseridos. Assim, Sabino (2008) afirma que,

A leitura reflexiva representa uma das boas vias para entender a realidade. Ler um texto não acompanhado de reflexão não constitui caminho para o entendimento da realidade. Quantas vezes se lê mecanicamente e, no final da leitura, não se consegue resumir as principais ideias que o texto pretende transmitir. Assim, não basta tirar informação de um texto [...] É preciso proceder à sua análise crítica, o que requer operações mentais mais complexas do que a simples recepção de informação. Ler e refletir sobre o que se lê à medida que se lê é essencial para a produção de conhecimento. (SABINO, 2008, pág. 1).

A realidade é a educação ainda tem a deficiência no ensino e com um apontador elevado de analfabetismo funcional. Assim, todas as ações que venham a

incentivar e transformar beneficemente os brasileiros, em leitores é bem recebido. O despertar para a atualidade e a relevância do saber ler com internalização, transformam pessoas comuns em cidadãos contextualizados, conscientes de seu papel social.

A transformação deve está nas raízes na escola, partindo de premissas da história da ação de ler, como menciona segundo Martins (1994, pág. 22), em que “Saber ler e escrever, já entre os gregos e romanos, significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida”. Esta educação não visava apenas o desenvolvimento de habilidades intelectuais e espirituais, mas também aptidões para que o cidadão se integrasse efetivamente na sociedade.

Diante disso, tanto a leitura como o conhecimento, são construções interiores individuais, nas quais os processos de construção, desconstrução e reconstrução estão acionados internamente em cada sujeito. Além disso, a leitura reflexiva e dirigida consente inclusive o acordar da consciência para o exercício de valores éticos, humanísticos e estéticos. Até mesmo pode funcionar como divertimento benéfico, instruindo, informando e desenvolvendo crianças e jovens, de uma maneira motivadora, alegre, mágica e fascinante.

Assim, enquanto a prática da leitura se dilata e se torna um deleite, o leitor aprende a desfrutar, e formulam-se juízos de valor sobre os significados assimilados, sobre a legitimidade e conformação das ideias, comparando-as com experiências e leituras prévias, produzindo novos conhecimentos. Figueiredo (2004) assinala que a leitura é um conjunto complexo de processos coordenados que incluem operações perceptuais, linguísticas e conceptuais e que vão desde a decodificação de letras na página impressa, à determinação do referente de uma palavra ou de uma frase até à estrutura do texto.

Além desta inter-relação entre as relações semânticas e referenciais que se encontram num texto, há ainda a ativação de um processo integrativo: a evocação da informação armazenada na memória de longo prazo. Sobretudo, prazerosa, meticulosa e reflexiva deve ser a leitura. Não deve nunca, ser uma atividade inerte. Para que se aproveite a leitura realizada, o leitor deve ser um ativo questionador do que foi lido. E esta ação deve ser ensinada às crianças e, conseqüentemente, trará resultados positivos na leitura, já que terão uma compreensão maior e poderão avaliar o que leem e o que interpretam também.

Não há dúvidas de que a educação é a mais importante vertente propulsora do desenvolvimento social, cultural e econômico de uma nação. Assume, dessa forma, uma grande importância ao plano pessoal, social, nacional e universal. Entretanto, para que o desenvolvimento educacional seja impulsionado, o ambiente precisa ser apropriado à obtenção, elaboração e divulgação da ciência. Elder & Paul (2003, p. 9-11), consideram a existência de cinco níveis de leitura:

Primeiro nível – Leitura e análise oração a oração – O leitor consegue traduzir em palavras próprias o significado de cada oração; **Segundo nível** – Explicação do sentido de um parágrafo – O leitor indica a ideia principal de um parágrafo, tradu-lo em palavras próprias; exemplifica o seu significado, gera metáforas, ilustrações, diagramas e/ou gráficos; **Terceiro nível** – Análise da lógica do que se lê – O leitor questiona e busca mentalmente respostas sobre: propósitos, opiniões, suposições, inferências, fontes de informação, conceitos básicos do autor, bem como das implicações na vida que daí advém; **Quarto nível** – Avaliação da lógica do que se lê – O leitor reflete sobre a clareza da intenção do autor, a confiança que o mesmo suscita, a precisão nos detalhes, a introdução de material irrelevante, a profundidade com que o tema é tratado, a multiplicidade das fontes de informação utilizadas, a constatação de contradições e o significado do tema; **Quinto nível** – Representação – O leitor assume o papel do autor e consegue discursar como se fosse este (ELDER & PAUL, 2003, p. 9-11).

Assim, à medida que a criança cresce e vai praticando a leitura, o nível que vai atingindo e sobe, passando progressivamente do primeiro ao quinto. A escolha do que será lido, depois da apropriação da leitura, parte dos leitores, de forma espontânea. Mas, enquanto não se apropria, a preocupação com relação à formação leitora é grande, em especial por parte dos professores.

Precisa-se compreender que o ato simples de ler, encontra-se amplamente intrincado ao educando e priorizam principalmente a construção e interpretação de textos, à pesquisa e elaboração de personagens em seu mundo, à criação de contos, poesias, histórias diversas do cotidiano familiar, escolar, em todos os momentos do indivíduo. Belloni (2001):

[...] Não podemos, portanto, abrir mão de discutir, na sala de aula, o fenômeno da mídia, especialmente a televisão, mas partir dela para a compreensão crítica do mundo. E estamos o tempo todo a nos perguntar qual é, hoje, o papel da escola, dos pais? Que influência exerce na formação das crianças, dos jovens, constantemente bombardeados pela indústria cultural. As crianças e os adolescentes nas sociedades contemporâneas aprendem mais com a televisão do que com os pais e professores? Como caracterizar este mais? Mais informações, mais conhecimentos pontuais? Modelos de comportamento, opiniões políticas? Possibilidades de desenvolver sua sensibilidade? A televisão oferece tudo isso e muito mais. A televisão, ao pretender reproduzir o universo real em

sua complexidade, constrói um simulacro do mundo em que o indivíduo acaba se encontrando, assumindo as imagens produzidas como se fosse sua vida real. E estas imagens penetram a realidade, transformando-a, dando-lhe forma (BELLONI, 2001, p. 57).

Apesar das considerações citadas, a principal responsabilidade é, definitivamente, da escola, embora as ações planejadas e executadas pelas instituições não atinjam as tão almejadas metas quanto à leitura com seus alunos. A leitura traz surpresas para os indivíduos que a praticam emoções, descobertas, vocábulos, cultura e conhecimentos. Saber ler criticamente é ter a oportunidade de desvendar o mundo e compreendê-lo. É a chance de escrever e reescrever em sua vida uma história que te não é sua, mas passa a ser.

Assim, “Cada leitura é uma nova escritura de um texto. O ato de criação não estaria, assim, na escrita, mas na leitura, o verdadeiro produtor não seria o autor, mas o leitor. Ler não é descobrir o que o autor quis nos dizer, [...]” (SILVA, 2010, p. 46). É preciso pensar na leitura como um meio para se alcançar o pensamento crítico. Pensar não é somente uma ação intelectual, é mais complexo, é uma atividade que almeja desvendar o mundo e a si mesmo. E a escola, como um todo, precisa desenvolver no educando a capacidade de pensar e, conseqüentemente, se conhecer e explorar cada mensagem por meio da leitura.

Ao considerar-se que o método da leitura na imaginação humana é extremamente complexo, faz-se necessário entendê-lo, apesar de todo conhecimento que se tem que não é imaginável. No entanto, a ação da leitura na edificação do conhecimento, da ciência é notória. Então pode-se falar que ela é um manancial provável de conhecimento, pois ao analisar-se que não se lê apenas as palavras, os textos e os livros, mas lê-se o mundo, já percebe-se o quanto é valioso ler e escrever, como identidade humana.

2 DESAFIOS PARA O APRENDIZADO DA LEITURA E ESCRITA

2.1 A ESCOLA E O ENSINO DA LEITURA E ESCRITA

Atualmente, discute-se sobre a alfabetização como um processo que vai além da simples habilidade de decodificação e codificação da escrita, mas quando as estatísticas educacionais apontam para resultados insatisfatórios do ensino, mostrando que grande parte da população de estudantes apresenta sérios

problemas no que se refere à leitura e à escrita, tende-se a atribuir às inovações educacionais, às novas concepções e propostas de alfabetização, fundamentadas em teorias construtivistas sobre o conhecimento e a aquisição do saber.

Assim, a responsabilidade por tal situação, e em alguns casos, chega-se a propor o uma metodologia eficaz para que a criança torne-se leitora e leia com habilidade. Para Piaget (1987), a criança é vista como sujeito ativo no processo de aprendizagem, que interage com os outros e com os objetos de conhecimento, num processo permanente de estruturação/reestruturação de esquemas mentais.

O uso e do funcionamento da linguagem escrita no universo em que o educando vive que ultrapassasse os limites da estruturação: a alfabetização vista como "um processo contínuo, que acompanha o processo mais amplo de busca e construção de conhecimentos, inerente a todo ser humano que vive numa sociedade letrada" (GARCIA, 1992, p. 10). Nessa visão, na escola, é possível dar continuidade ao processo de alfabetização que a criança iniciou muito antes de entrar nesse ambiente, de forma contextualizada, para que ela possa melhor compreender o fenômeno linguístico escrito.

Diante disso, emergem estudos sobre o letramento, entendido como a condição que assume o indivíduo que se utiliza da leitura e da escrita para posicionar-se e para agir no seu contexto social. A alfabetização não pode mais restringir-se ao exercício de aprender a codificar e decodificar a escrita, já que é preciso compreendê-la no seu processo histórico e no seu contexto de funcionamento. Se o indivíduo, alfabetizado ou não, está inserido em uma comunidade que adota um sistema de escrita.

É possível afirmar que o termo "letramento" não se aplica apenas às pessoas alfabetizadas, uma vez que, mesmo os não alfabetizados, convivem na sociedade letrada e, do seu modo, conseguem "ler" a sua realidade e tomar decisões no seu dia-a-dia. Isto permite dizer que não existe sujeito iletrado. É claro, que o domínio da leitura e da escrita torna o sujeito mais forte, no que diz respeito ao exercício pleno da sua cidadania, uma vez que lhe possibilita o acesso a bens culturais por elas veiculados e absorvidos.

Como afirma Vygotsky (1988), o homem constitui-se na sua relação com os outros, o que implica entender que ele (o homem) não possui nada pronto. Nesse sentido, o conhecimento se dá pelas relações entre o indivíduo e o mundo exterior e

desenvolve-se num processo histórico, sendo que a aprendizagem ocorre por uma mediação social, em que a linguagem assume papel predominante.

Conforme a visão interacionista, a aquisição da linguagem resulta da interação entre o programa mental inato do aprendiz e a linguagem produzida por ele em conjunto com um interlocutor que possui o domínio da língua. Nesse processo, a criança vai testando suas iniciativas verbais através do seu relacionamento com os outros. Pode-se dizer que as crianças elaboram hipóteses a respeito da linguagem e, na medida do seu uso, vão conferindo as representações que vão dando certo e construindo a própria competência interlocutora.

Entender e trabalhar a linguagem, numa visão interacionista, implica partir do princípio de que a ação sobre o mundo para transformá-lo está diretamente ligada ao conhecimento e à própria vida humana. O homem, pelo trabalho, cria meios para produzir sua existência. Nesse sentido, a linguagem como instrumento pelo qual o homem se relaciona para realizar atividades em determinadas situações, com certos objetivos, constitui-se como trabalho e identidade humana, o que determina o caráter interativo da atividade verbal e escrita.

A leitura é o processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita. Nesta compreensão intervêm tanto o texto, sua forma e conteúdo, como o leitor, suas expectativas e conhecimentos prévios. Para ler necessitamos, simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, ideias e experiências prévias (SOLÉ, 1998, p. 23).

A aquisição de uma língua fora da escola, ou seja, informalmente, resulta das várias interações sociais em situações que exigem certas convenções que o falante vai internalizando para construir sua competência comunicativa. Já na escola, a aprendizagem se dá em condições e/ou situações que dependem de pressupostos que o professor tem, consciente ou inconscientemente, sobre os mecanismos de aprendizagem da língua.

Como diz Geraldi (1984) que é importante compreender que antes de se pensar sobre a atividade de sala de aula, é importante considerar que qualquer metodologia de ensino evidencia uma opção política, com sua forma de compreender e interpretar a realidade, articulando-a com os mecanismos utilizados para ensinar. De fato, quando se decide o que ensinar, coloca-se em evidência uma concepção de linguagem, bem como uma postura em relação à educação. Estudar a língua na concepção a que nos referimos aqui é estudar as relações e os

compromissos que se criam através da fala e as formas utilizadas em determinadas situações de interação. Assim, não teria sentido simplesmente estabelecer classificações e denominações quanto aos tipos de sentenças.

Considerando o que ressalta Colello (1995), em que o ensino deve ser enfrentado a partir da necessidade de compreender o aluno em seu processo cognitivo de elaboração absolutamente pessoal, que ocorre em um contexto que não só fornece informações específicas, mas também motiva, dá sentido e concretude ao que se deve aprender. Então, mais importante do que definir-se por uma determinada metodologia ou por uma determinada teoria, é compreender como cada aluno aprende, para, então, atuar no seu processo de construção do conhecimento, numa perspectiva, efetivamente, mediadora. Pode-se dizer que é possível, assim, alfabetizar letrando, sendo, o processo de ensino-aprendizagem, concebido, realmente, como processo de interação.

Também precisa-se atentar para a postura do professor em sala de aula, que deve ser a de quem se preocupa com a linguagem em funcionamento e isto implica, numa posição em relação às variedades linguísticas. É importante que a atitude do professor diante do aluno que fala diferente da variedade padrão e que às vezes ou muitas vezes nem sequer é a fala padrão da professora, seja a de quem entende o valor cultural e histórico das variedades linguísticas dos falantes e, partindo disso, conduz o aluno a uma reflexão que lhe possibilita dominar a variedade padrão para usá-la quando necessário. Colello (1995) afirma ser:

[...] Evidentemente, a evolução na aprendizagem da escrita não é linear nem tampouco controlável pelos diferentes métodos de alfabetização (outro engano dos educadores tradicionais). Trata-se, conforme demonstrou Emília Ferreiro (1986) de um processo de elaboração pessoal psicogeneticamente ordenado (COLELLO, 1995, p. 31).

Assim, nesse processo é necessário que cada criança tenha possibilidades de testar suas hipóteses, surpreender-se com os resultados e, se for o caso, ter motivos para substituir suas concepções iniciais por outras mais elaboradas, até chegar ao sistema convencional da escrita. Para isso, é de fundamental importância o papel do professor como estimulador da evolução das concepções e da testagem de hipóteses.

Aí está o sentido da interferência necessária para rever a escrita da criança, a partir da sua tentativa, ou melhor, da sua lógica, de forma que ela, por compreender

o seu erro, avance cada vez mais, até que chegue à forma convencionada. Não há, então, possibilidade de dissociação entre o processo de aprender a escrever e o processo de usar a escrita. Soares (1998) defende a complementaridade e o equilíbrio entre um e outro. Em outras palavras, "... a escrita é importante na escola, porque é importante fora dela, e não o contrário" (FERREIRO, 1987, p. 11).

Se "ler e escrever são atos linguísticos [...], a compreensão da natureza da escrita, de suas funções e usos, é indispensável ao processo de alfabetização" (CAGLIARI, 1999, p. 8). O autor considera assim, ingênua a postura de quem ensina o abecedário, as famílias silábicas e a associação de letras para a composição de palavras e frases, como se apenas isto garantisse a aprendizagem da leitura e da escrita para a visão de mundo da criança.

A aprendizagem se dá pelo domínio das habilidades de uso da linguagem em situações significativas que levem ao entendimento e à produção de enunciados, sendo que o ensino centra-se no uso real da língua, através de práticas de fala, leitura e escrita que permitam refletir sobre a mesma. O papel do professor é, então, o de propiciar situações de contato com diferentes visões do real, através do texto significativo, e da intervenção adequada, para que o aluno vá se apropriando cada vez mais dos processos interacionais.

Nessa perspectiva, estudos linguísticos preocupam-se em pesquisar não só a produção e a compreensão da criança, mas, também, a fala do adulto que interage com ela, além de todos os aspectos envolvidos no meio em que ela está inserida. Como ressalta Kleiman (2007),

A diferença entre ensinar uma prática e ensinar para que o aluno desenvolva individualmente uma competência ou habilidade não é mera questão terminológica. Em instituições como a escola, em que predomina a concepção da leitura e da escrita como conjunto de competências concebe-se a atividade de ler e escrever como um conjunto de habilidades progressivamente desenvolvidas, até se chegar a uma competência leitora e escritora ideal, a do usuário proficiente da língua escrita. Os estudos do letramento, por outro lado, partem de uma concepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem (KLEIMAN, 2007, p. 4).

Os dois processos, a alfabetização e letramento, não podem se desenvolver isoladamente na sala de aula, pois são complementares. Os dois mostram como a língua funciona, sua organização, sua estrutura e seus usos pelos diferentes sujeitos, e são esses aspectos que precisam ser ensinados e aprendidos na escola.

As habilidades de decifração e decodificação de nada valem se não estiverem atreladas às reais práticas de uso linguístico, em circunstâncias de interação entre sujeitos, assim como as práticas de escrita e a leitura.

Acredita-se que, dessa forma, as escolas poderão contribuir de maneira mais efetiva com a educação linguística dos alunos, ampliando suas possibilidades de interação em diversos contextos e com diferentes interlocutores. Ensinar a língua e ensinar a usar a língua em diferentes e concretas situações de interação devem ser prioridade, desde o início da vida escolar dos alunos, como uma necessidade de identificação humana, dos mesmos.

2.2 A FAMÍLIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O APRENDIZADO DO ALUNO

Os pais são os principais responsáveis pela educação dos filhos, tanto escolar quanto familiar, constituindo um dever da família, conduzir a criança para uma vida que aspire melhorias. Entretanto, para que isso de fato possa acontecer é necessária à participação da família em todas as etapas da vida da criança, é quando esta percebe a presença e o interesse dos pais por aquilo que elas fazem a ponto de se sentirem mais seguras e responsáveis apresentando como resposta um bom desempenho escolar, em todos os aspectos educacionais.

É responsabilidade da família de educar, amar e ensinar valores éticos e cristãos às crianças, mesmo que hoje em dia não se tenha mais um modelo padrão de família, mas a essência não pode ser distorcida. Pois, é nesta instância que a criança encontra sua identidade, é onde acontecem os primeiros ensinamentos para só depois ter contato social e experiências educacionais necessários para sua vida em sociedade. De acordo com a Constituição promulgada em 1988, no seu Artigo 227,

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração e opressão (BRASIL, 1988, p.148).

Diante disso, é essencial que a família prepare sua criança para a educação formal, pois os pais sendo os responsáveis pela educação desta, são de grande importância com sua participação na vida escolar dos mesmos. Tanto a escola

quanto a família, são imprescindíveis ao indivíduo, quanto mais forte a parceria entre elas, os resultados serão mais eficazes no desenvolvimento do ser humano, essa parceria deve ser constante quando uma complementa a outra.

Faz-se importante compartilhar as experiências vivenciadas no dia a dia, seja ela positiva ou negativa sem fazer julgamento daquilo que não deu certo, mais sim procurar melhorar cada vez mais para que se tenham resultados satisfatórios no final para um resultado positivo. Szymanski (2004, p.4) diz que “[...] o processo de socialização se dá no convívio familiar e, em especial, por meio das práticas educativas desenvolvidas com a finalidade de transmitir hábitos, valores, crenças e conhecimentos”. Portanto, a importância do papel da família na formação educativa e inserção social possibilitando o convívio social são imprescindíveis.

A escola não deveria assumir o lugar dos pais uma vez que fica pouco tempo com a criança, porém, o fazem porque alguns pais tem o discurso pronto de que trabalham e não sobra tempo para educá-los. Pois esta acaba tomando para si a total responsabilidade de educar, deixando de realizar seu verdadeiro papel que é nortear os caminhos de uma vida profissional, para este futuro adulto e consequentemente, um futuro cidadão de bem com a responsabilidade de transformar a nação em um país, dando-lhe autonomia e com um caráter decisivo para dar à próxima geração, um país melhor e amenizando os problemas de nossa atual sociedade que precisa de uma educação escolar de qualidade.

O ambiente escolar dever ser de uma instituição que complete o ambiente familiar do educando, os quais dever ser agradáveis e geradores de afeto. Os pais e a escola devem ter princípio muito próximo para o benefício do filho/aluno (TIBA, 1996, p.140).

Percebe-se que papel que a família exerce na vida da criança é de grande relevância para seu desenvolvimento escolar, isso em hipótese alguma pode ser desconsiderado. A mesma tem o dever de acompanhar o desempenho escolar da criança, com a responsabilidade de intermediar sua prática no dia a dia.

A escola vai apenas completar o ambiente familiar, uma vez que os primeiros incentivos devem surgir na família, acompanhando diariamente as dificuldades e os avanços e estimulando para que possam aprender cada vez mais. Para Tiba (1996, p.178) “É dentro de casa, na socialização familiar, que um filho adquire, aprende e absorve a disciplina para, num futuro próximo, ter saúde social.” O que se espera alcançar entre família e escola é a integração dessas duas esferas importantes da

sociedade, pois só assim tudo o que diz respeito ao aprendizado da criança envolvendo amor, afeto, carinho, respeito entre outros podemos afirmar que existe de fato uma educação de qualidade.

A família é a instituição mais importante onde a criança está inserida, sendo ela responsável pelo cuidado e plena formação deste cidadão. É na família que ela encontrará apoio para se desenvolver nos aspectos cognitivo, social, entre outros.

Algumas atitudes dos pais se tornam relevantes para o sucesso escolar dos filhos, a falta de negligência é um dos fatores determinantes para que muitos alunos sejam destaques na escolarização.

Neste contexto, Nogueira (2010, p. 68) enfatiza que “[...] a disponibilidade em escutar, ouvir e dar atenção ao filho, permitir que ele dê conta de suas tarefas e necessidades escolares, indagar do seu dia escolar”, são ações que influencia o desejo de realização das atividades com mais satisfação. Toda criança aprende a partir da observação sobre o comportamento e atitudes de seus responsáveis, sendo assim a criança reproduzirá toda e qualquer atitude que vier aprender no seio familiar.

O principal objetivo da família é proteger a criança encaminhando-o para que seja um exemplo na sociedade. A família exerce um poder grande na vida do aluno porque é ela que vai dar início aos valores morais que os acompanharão por toda a vida. Szymanski (2004) compreende que a família deve ser um objeto de atenção psicoeducacional, forte apoio para o desempenho da função educativa que lhe foi delegada. Assim a psicoeducação deve tratar da intervenção e orientação a família para que seu papel seja executado na participação da vida escolar.

A educação deveria começar em casa mais infelizmente nossa realidade é outra, a família está transferindo para a escola a total responsabilidade, a participação dos pais na vida escolar dos filhos vai muito além de apenas levar os filhos no portão da escola. Esta parceria entre a família e a instituição escolar compartilham a mesma função educacional, embora uma não possa fazer o papel da outra. Nos tempos atuais, as responsabilidades dos pais é alvo de discussões entre escola e demais setores da sociedade.

Portanto, algumas questões são elencadas com referência aos modelos de ensino e aprendizagem, o acompanhamento e sustentação emocional da criança ou adolescente, que apresentam a falta de maturidade para enfrentar as dificuldades sem a presença e os limites colocados pelo adulto. Entretanto, é preciso rever a

atuação da família na escola e a participação desta para o desenvolvimento educacional do sujeito.

2.3 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA A LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA

Compreende-se prática pedagógica como a ação do professor no espaço de sala de aula e alfabetização como um processo de natureza complexa, engajado em práticas de letramento. Partindo, dessa concepção, esse tema tornou-se foco de muitas investigações no cenário educacional, dado a importância de levar o professor alfabetizador a refletir sobre suas práticas de ensino.

Assim, a nova concepção do ensino da língua escrita trouxe contribuições para a prática pedagógica dentro da alfabetização. É preciso rever o processo pelo qual a criança aprende, não mais o professor como transmissor de conhecimento. Essas contribuições para a educação passaram a exigir dos profissionais de educação uma busca de maiores competências para ensinar, o que ocasionou numa mudança no pensamento mecanicista. É papel do professor, alfabetizar a criança dentro de um contexto, através de práticas de letramento. É durante este processo que o alfabetizador deve despertar no educando o gosto pela leitura e conseqüentemente pela escrita. Para Ferreiro (2011),

... [...] as reflexões empreendidas sobre esse aspecto nos levam a pensar “através de que tipos de práticas a criança é introduzida na língua escrita”. Há aquelas que possibilitam meios para que as crianças construam o conhecimento junto com o educador, e há outras que distanciam as crianças do aprendizado, tornando-as meros espectadores qual a escrita é produzida (FERREIRO, 2011, p. 32).

As práticas pedagógicas e as metodologias precisam pensar na criança como alguém capaz de aprender. A estratégia é, em suma, a ação realizada pelo docente em sala de aula, focando o aprendizado do educando. É natural que existam diferentes níveis de aprendizagem em uma classe de alfabetização, pois a aprendizagem da escrita é um processo que se dá em diferentes níveis para cada indivíduo. “O ponto de partida dessa discussão é o fato de que o aprendizado das crianças começa muito antes de elas frequentarem a escola” (VIGOTSKI, 1998, p. 110). Todas as práticas do alfabetizador, nessas circunstâncias, devem estar voltadas para os conhecimentos prévios do aprendiz, ao seu contexto de letramento e escrita.

Dessa maneira, ler é condição necessária para a conquista da cidadania e participação social, para o acesso a informações que circulam das mais diversas maneiras, assim como para ingressar no mundo do trabalho. No entanto, mesmo diante de sua relevância, a leitura ainda é praticada por um número muito pequeno de brasileiros. Solé (1998) enfatiza que,

[...] quando o sistema educacional é acessível à maior parte dos cidadãos, não deveríamos falar de situações de analfabetismo. Entretanto, além do analfabetismo ainda estar presente em nossas realidades, acrescentam-se dados relativos aos “analfabetos funcionais”, ou seja, “pessoas que, apesar de terem frequentado a escola e ‘aprendido’ a ler e a escrever, não podem utilizar de forma autônoma a leitura e a escrita nas relações sociais ordinárias” (SOLÉ, 1998, p. 32).

O ato de ler corresponde ao processo de apreensão da realidade que cerca o indivíduo. Essa realidade se revela ao leitor através de variadas linguagens. Portanto, o ato de ler não diz respeito à apreensão da realidade somente através da leitura do texto escrito: é a interpretação do pensamento expresso por símbolos da escrita com a vivência e a afetividade do leitor.

Para Tardif (2014), a prática docente não é apenas um objeto de saber das ciências da educação, ela é também uma atividade que mobiliza diversos saberes que podem ser chamados de pedagógicos. Os saberes pedagógicos apresentam-se como doutrinas ou concepções provenientes de reflexões sobre a prática educativa no sentido amplo do termo, reflexões racionais e normativas que conduzem a sistemas mais ou menos coerentes de representação e de orientação da atividade educativa.

Nesse contexto, a escola, enquanto instituição social considerada democrática por excelência torna-se o local privilegiado para viabilizar as condições propícias ao ensino e aprendizagem das práticas leitora e escritora, em especial, àqueles que têm menos oportunidade de vivenciar situações cotidianas de leitura e escrita, a fim de que essa carência não constitua um obstáculo ao progresso educacional dessas crianças e jovens e ao consequente exercício da cidadania.

O processo de ensino da leitura e escrita é uma grande responsabilidade para o professor das séries iniciais do ensino fundamental, sendo este processo o passaporte para o aprendizado das disciplinas que compõem o currículo escolar das disciplinas obrigatórias.

Assim, a formação de um aluno letrado é imprescindível, visto que este interpretará não somente as palavras, mas também o mundo que o cerca. Esta

formação depende do quanto engajado está o professor, se este planeja sua prática de acordo com a classe para o qual leciona, se adapta e se reflete sobre ela. Sob o viés tradicionalista, a alfabetização se limitava a compreender e decodificar os sinais gráficos, transformando-os em leitura e escrita de pequenos textos simplórios. Com advindo da evolução do pensamento pedagógico, a aquisição da linguagem escrita ampliou o conceito de alfabetização na perspectiva do letramento. Assim o aprendizado não mais se reduz apenas a codificação e decodificação, e a prática pedagógica deve caminhar ao lado dessa adaptação do aprendizado (BATISTA *et al.*, 2007).

A leitura por prazer também impõe, no âmbito da instituição escolar, uma mudança de postura dos profissionais que dela fazem parte, a fim de que as práticas de leitura ocorram em um espaço de maior liberdade, em que a obrigatoriedade seja banida, e sejam instaurados ambientes que busquem seduzir, conquistar os potenciais leitores.

Considera-se que o ato de ler pode representar não apenas uma condição intelectual, mas também uma condição de libertação, a de poder ser um leitor mais autônomo e crítico de qualquer texto, em várias linguagens, do mundo que o rodeia, ou de mundos diferentes do seu. Sobretudo, ler o mundo é assumir-se como sujeito da própria história. É ter consciência dos processos que interferem na sua existência como ser social e político.

Neste sentido, o indivíduo só é capaz de fazer uma leitura permanente do mundo, quando consegue captar o que se apresenta através do dinamismo deste mundo para nele interferir e atuar, sentindo-se então, motivado para a leitura da palavra. Todavia, a leitura da palavra escrita só se realiza quando interage com o espaço em que o homem se sente sujeito, ou seja, quando existe uma estreita relação com o trabalho e o contexto de que participa, que vive e que explora.

É por meio de diferentes procedimentos metodológicos como ler para o aluno, leitura compartilhada, contar histórias, as estratégias utilizadas antes, durante e depois da leitura, a articulação com linguagens variada, e de diferentes recursos como suporte a leitura, que possibilitam aos educandos uma aproximação maior com o objeto livro. Ademais, [...], contudo, o que define esse tipo de interlocução, a leitura gratuita, não é a ausência de resultados, mas sim o desinteresse pelo resultado, atitude que impõe mudanças de paradigmas no interior da escola, cujos

educadores já cristalizaram o hábito de avaliar a tudo e a todos (GERALDI, 2006, p. 98).

Considerando a necessidade da leitura e escrita para a vida do sujeito, sob esta perspectiva, a escola assume uma única finalidade que é a transformação dos textos lidos em modelos, por meio de diversos caminhos; O texto transformado em objeto de leitura vozeada, em que se lê para provar que se sabe ler; o texto transformado em objeto de imitação, servindo apenas de motivação para a produção de outros textos; e, finalmente, o texto transformado em objeto de fixação de sentidos, previamente definidos e disponíveis no texto para que o aluno-leitor os encontre, deve aproximar-se das necessidades dos alunos apresentar sua evolução nessa questão. Freire (2003) enfatiza que,

Desde que nascemos, vamos aprendendo a ler o mundo em que vivemos. Lemos no céu as nuvens que anunciam chuva, lemos na casca das frutas se elas estão verdes ou maduras, lemos no sinal de trânsito se podemos ou não atravessar a rua. E, quando aprendemos a ler livros, a leitura das letras no papel é uma outra forma de leitura, do mesmo mundo que já líamos, antes ainda de sermos alfabetizados (FREIRE, 2003, p. 5-6).

Neste sentido, a leitura e o domínio da linguagem, são considerados instrumentos de apropriação de conhecimentos que contribuem para melhor desenvolvimento e realização pessoais, maior grau de autonomia para o indivíduo atuar na sociedade, condições para o exercício pleno da cidadania e interagir com o outro.

É necessário compreender que a leitura é ferramenta essencial para a prática profissional do docente, por isso o professor precisa revelar-se um leitor que possa ser referência para seus alunos. Cabe a ele o papel de desenvolver o sujeito escolar, o gosto pela leitura através de uma aproximação significativa com os livros.

Cada docente, de acordo com sua história de leitura e as necessidades de seus alunos, tem condições de avaliar o melhor caminho a ser traçado. Porém, para que haja êxito na formação do leitor, é preciso efetuar uma leitura estimulante, reflexiva, diversificada, crítica, ensinando os alunos a usarem a leitura para viverem melhor.

O professor no trabalho com a leitura deve ser dinâmico e trabalhar diversas metodologias necessárias para a compreensão e aquisição da leitura e escrita. Segundo Neves (2007),

[...] O professor é aquele que apresenta o que será lido: o livro, o texto, a paisagem, a imagem, a partitura, o corpo em movimento, o mundo. É ele quem auxilia a interpretar e a estabelecer significados. Cabe a ele criar, promover experiências, situações novas e manipulações que conduzam à formação de uma geração de leitores capazes de dominar as múltiplas formas de linguagem¹⁷ e de reconhecer os variados e inovadores recursos tecnológicos, disponíveis para a comunicação humana presentes no dia-a-dia (NEVES, 2007, p. 14).

Diante disso, o educador deve saber o quanto sua prática e ação em sala de aula são importantes e que sua mediação motivará ou não o aluno à prática da leitura. Isso comprova-se com a implementação de cada trabalho passado aos alunos, após uma aula bem ministrada.

É preciso enfatizar que o primeiro passo para a formação do hábito da leitura na escola diz respeito à seleção de material, que deve servir para informação e recreação, e não ser imposto como obrigação, uma vez que a passagem pela escola, muitas vezes, é a única oportunidade que o aluno tem de entrar em contato com a leitura.

Assim, nesse espaço, o professor é um dos maiores responsáveis por desenvolver a prática da leitura e escrita com seus alunos, fornecendo-lhes livros e outros materiais de leitura, indicações bibliográficas, abrindo-lhes, enfim, o universo da leitura, um mundo diferente e mágico que abre espaços para o quer sempre mais.

Assim, faz-se necessário conscientizar-se enquanto educadores, da responsabilidade diante da importância da leitura para a vida individual, social e cultural do ser humano. Sobretudo, trabalhar metodologias viáveis para a aprendizagem do aluno. Também é obrigação da escola valorizar o livro, não como objeto para ser guardado na estante, mas para ser manuseado e lido, explorado, incentivar a ser usado. É obrigação da escola indicar diretrizes, estimular e incentivar a prática da leitura e escrita para a dignidade humana.

3 DIFICULDADES DA ESCRITA E LEITURA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DA EMEIF NOVA CONQUISTA I, EM ITAITUBA- PARÁ.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A Escola Municipal Nova Conquista I, está situada na comunidade Nova Conquista I no município de Itaituba, foi construída por populares e amigos da comunidade, que não mediram esforços para que a primeira escola fosse construída. Em 2001 o prefeito Roselito Soares contratou a primeira professora responsável pela escola, senhora Maria do Espirito Santos. E no decorrer dos anos passaram alguns professores pela escola além da citada, como Cassia, Eliane, Maria Divina, Edilene, Genoveva de Oliveira, Edna Célini, Elciane, Cidiane Ferreira e Ângela Maria.

A escola já ofertou as seguintes modalidades de ensino, do ensino fundamental do 1º ao 9º ano e turmas de EJA da 1ª a 4ª etapa, atendendo um total de 300 alunos em anos anteriores. Devido à saída de muitas famílias para a zona urbana a clientela teve um declínio.

A Escola Nova Conquista I funciona em dois turnos: manhã e tarde, tem um banheiro, um poço artesiano, uma sala, uma cozinha, uma dispensa, uma secretaria. O mobiliário da escola é composto de um freezer, um notebook, um aparelho de TV, uma impressora, um liquidificador, um fogão, botija e três ventiladores.

O quadro funcional é composto por três professores, uma servente e uma merendeira que devem conjuntamente com a direção administrar todo o processo educacional da escola. Funciona nos turnos da manhã e tarde com o quadro de cinco servidores efetivos e temporários.

O Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Nova Conquista I, fundada em 26 de fevereiro de 2001, está sendo elaborado pela comunidade escolar, com a participação de pais de alunos e comunidade local, objetivando definir as ações educativas futuras.

De forma geral, a escola objetiva viabilizar a relação entre comunidade, escola e pais de alunos, promovendo a participação e integração dos mesmos no processo educativo favorecendo uma aprendizagem significativa.

Uma de suas metas é Assegurar um ensino de qualidade, buscando elevar a aprendizagem dos discentes de acordo com as possibilidades e ritmo de cada turma

em todas as áreas de conhecimento, buscando formar cidadãos críticos e reflexivos, preparados para exercer sua posição com eficácia, de acordo com o que a sociedade exige, em um mundo globalizado.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento do referido trabalho, que foi realizado na EMEIF Nova Conquista I em Itaituba-Pará, com o título Dificuldades da leitura e escrita nos Anos iniciais, visou analisar as dificuldades da leitura e escrita nos anos iniciais. A pesquisa teve um estudo bibliográfico para embasamento teórico específico com (BRASIL, 1998); JOSÉ & COELHO (1999); (LAJOLO, 1991); (PAIN, 1985); (SILVA, 1993); (SOARES, 1979) e uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa, com os três professores que trabalham na escola.

A fim de direcionar o trabalho, foram elaboradas algumas questões que consistiram em: Quais os desafios do professor em relação à escrita e leitura de alunos nas séries iniciais do Ensino Fundamental? Que recursos didáticos pedagógicos são utilizados para o ensino da leitura e escrita? Quais metodologias são utilizadas para as aulas de leitura e escrita?

Os objetivos almejados foram analisar os desafios dos professores nas dificuldades da escrita e leitura nas séries iniciais; Identificar recursos pedagógicos utilizados para as aulas de escrita e leitura; compreender dificuldades dos docentes para trabalhar a leitura e escrita nos anos iniciais e verificar metodologias para o ensino da leitura e escrita.

Para chegar aos resultados, ocorreram coleta e análise dos dados por meio de questionários individuais entregues aos professores entrevistados, com discursão sobre as respostas dos mesmos, sugestões de propostas contribuintes sobre a questão dos desafios da leitura e escrita nas séries iniciais do ensino fundamental na referida escola em análise e a conclusão de todo o estudo, com os referenciais bibliográficos para embasamento teórico de todo o trabalho.

3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS

A investigação ocorreu procedeu-se com três professores que trabalham na referida escola, todos licenciados em Pedagogia, sendo um masculino com quarenta anos de idade, trabalha há dois anos na escola e já prestou serviços em outras escolas.

Também foram investigadas duas professoras graduadas em Pedagogas, com trinta e trinta e um anos de idade respectivamente, concluintes de Pós-graduação em psicopedagogia, trabalham há três anos na escola e já prestaram serviços em outras escolas.

3.4 RESULTADO DA PESQUISA COM OS PROFESSORES

A leitura é, antes de qualquer diagnóstico do conteúdo, uma intervenção mental, de percepção, através do ato de ler. A compreensão é o desígnio da leitura. Não se trata, no então, de pura e simplesmente entender completa ou incompletamente um texto escrito para que haja a significação do mesmo, ou seja, para que a compreensão ocorra. Existem inúmeros motivos envolvidos nesse processo, de entender, compreender, interpretar e buscar significados. Porém, as dificuldades surgem à leitura e a escrita está na condição de desafios educacionais.

Considera-se que o aprendizado da leitura é um grande desafio dentro do processo de ensino aprendizagem, uma vez que todos os seres humanos estão programados biologicamente a falar, porém, não estão programados para ler e escrever. A alfabetização ser um processo lento e complexo, cada criança tem seu ritmo, tem o seu jeito próprio e específico de aprender, com isso cabe ao professor encontrar a maneira mais adequada para facilitar o ensino de leitura, a compreensão e a interpretação.

Para isso, foi necessário buscar algumas respostas ao investigar docentes da EMEIF Nova Conquista I em Itaituba-Pará, visando compreender dificuldades que incidem em desafios para os alunos na referida escola. O estudo iniciou com a questão sobre as dificuldades de leitura e escrita.

Quadro 1- Para você, por que há dificuldades na leitura e escrita no ensino aprendizado dos alunos? (Falta de recursos metodológicos, didáticos, etc). **Fonte:** Professores da EMEF Nova Conquista I em Itaituba- Pará/2020

PROFESSOR (A)	RESPOSTAS
P1	Nem sempre a falta de recursos metodológicos ou didáticos são os culpados pelas dificuldades dos alunos, às vezes é a falta de interesse e de estímulo, muitas vezes acho que é um problema psicológico ou familiar que gera essas dificuldades no aprendizado.
P2	O professor precisa desenvolver métodos diferentes que o aluno consiga aprender, pois existe em alguns casos de alunos que não tem a ajuda dos pais em casa; então, é preciso que o professor os motive a gostar de ler, escrever, ou seja, amar os livros. E principalmente ter recursos na escola.
P3	No meu ponto de vista a falta de incentivos na família, em sua grande maioria a criança já não tem certo interesse pelos estudos, e a família não ajuda e nem incentiva, o que torna um agravante maior no processo de ensino aprendizagem dessa criança.

Quanto às dificuldades da leitura e escrita, os professores investigados responderam que por vezes é a falta de interesse dos alunos ou problemas psicológicos ou familiares. Também atribui-se a necessidade dos professores utilizarem de metodologias diferentes para que o aluno consiga aprender mesmo, como também a ajuda dos pais é fundamental para esse processo como o professor que motivar a leitura e a escrita; e os recursos na escola também são fundamentais. Foi mencionada a falta de incentivo dos pais, que torna-se um grave quesito nesta questão.

Neste sentido, a leitura compreende processos importantes de conversão letras em sons, que fará compreender o que é lido. Um leitor que não consegue fazer a relação grafema-fonema, não consegue entender o que diz numa frase escrita. Como também, um leitor que não compreenda os conceitos num texto, também não entende o que ler e não compreende também (CRUZ, 2007).

Diante disso, durante todo o processo de alfabetização, é necessário que o docente esteja preparado para as dificuldades encontradas pelos alunos diante de cada método, seja ele global ou não global. Se o aluno não tem hábito de utilizar a literatura infantil em sua leitura, o professor pode incentivá-lo através das idas à sala de leitura, estimulando o uso constante de livro, lendo junto com ele, entre outras formas.

Portanto, fazendo a ligação entre as palavras e os significados delas, é possível incitar o aluno à curiosidade na busca de novas palavras e significados. Prosseguindo, a questão sobre os desafios do professor em relação à leitura e escrita nos anos iniciais.

Quadro 2- Quais os desafios do professor em relação à escrita e leitura de alunos nos anos iniciais do Ensino Fundamental? **Fonte:** Professores da EMEF Nova Conquista I em Itaituba-Pará/2020

PROFESSOR (A)	RESPOSTAS
P1	Um dos principais desafios do professor nesses casos é exatamente identificar o que realmente está ocorrendo; o problema que gera as dificuldades do aluno, para que possa trabalhar a melhor forma de corrigir o problema e os melhores recursos e metodologia de aprendizagem nessa área.
P2	É falta de estrutura, recursos, recursos financeiros; professor dedicado e qualificado, métodos diferentes, o acompanhamento familiar. Se todos caminharem juntos com o mesmo propósito, conseguiremos ter êxito com os nossos alunos.
P3	Há diversos desafios com relação à escrita e à leitura, por exemplos: alunos com uma ótima escrita, porém, lê (não) e nem identifica as letras ou ao contrário, sabe ler fluentemente, mas escrever não sabe. Isso acontece principalmente nas turmas multisseriadas, no campo especialmente.

Conforme responderam os professores, os principais desafios da leitura e escrita na escola, além da dificuldade de detectar o que realmente acontece, é falta de estrutura, recursos, recursos financeiros; professor dedicado e qualificado, métodos diferentes, o acompanhamento familiar. Mencionou-se também a questão de aluno escrever muito bem e não saber ler e vice versa; típico também de turmas multisseriadas, o que prevalece em escolas da zona rural.

Neste sentido, na Pedagogia, observa-se que educar não é uma tarefa fácil. Atualmente é preciso ir contra a corrente de certas tendências sociais de forte influência, para obter a facilidade na aquisição de bens, o egoísmo e outras manifestações da sociedade de consumo que não são precisamente aspectos que ajudem a melhorar a consciência moral, individual e coletiva, e por vezes a educação fica de lado.

Assim, o ato de educar consiste em saber dizer não em algum momento ou situação. Não se trata de reforçar a negativa arbitrariamente, tornando algo irrefutável. Exercer a autoridade que legitima a educação também implica dar explicações do que se faz e o que se propõe; significa ouvir e deixar a porta aberta à revisão da norma sempre que necessário, para o aprendizado acontecer. Exercer a autoridade significa respeitar a personalidade dos alunos, que devem ter o direito de exprimir sua opinião, de compreender e interpretar. A leitura e escrita acontece dessa forma.

Ao cometerem-se erros, é preciso reconhecer e retificá-los, mas com a mesma convicção que se mostra em posição anterior e favorável. Ser firme nas

crenças e nos princípios defendidos não implica ser imutável, nem tão pouco mudar de opinião, significa ser desprovido dela. Portanto, a falta de atuação convincente em sala de aula, deixa a criança sem referência e lhe provoca angústia, insegurança, o que deve ser aproveitado para que na escola ocorra o aprendizado da leitura e escrita, quesitos estes que fazem e formam a identidade do ser humano. A seguir, interrogou-se sobre a qualificação docente.

Quadro 3- Como você se qualifica para o exercício de docência, sobre escrita e leitura? **Fonte:** Professores da EMEF Nova Conquista I em Itaituba-Pará/2020

PROFESSOR (A)	RESPOSTAS
P1	Buscando através de cursos e pesquisas, melhores formas de aprimoramento, assim como novos recursos na área da leitura e escrita, sempre buscar qualificação nas áreas de atuação para um melhor desenvolvimento no aprendizado do aluno.
P2	Eu amo pedagogia, procuro sempre me aperfeiçoar e promover métodos que facilite a escrita e leitura de meus alunos, como: letras grandes do alfabeto, jogos, cantinho de leitura, poesia, ditado de palavras e etc.
P3	Acredito que escrita e leitura é um processo de fundamental importância no ciclo da alfabetização; dessa forma procuro desenvolver ambos da melhor maneira possível com metodologias que o aluno possa aprender e a questão de avaliar, porém, acredito que sou capaz.

Quanto à qualificação docente, os entrevistados afirmaram que buscam sempre cursos e pesquisas na área de leitura e escrita, como também aperfeiçoam métodos e materiais como jogos, cantinho de leitura, poesias e ditados de palavras. Acreditando que é de fundamental importância na alfabetização, procura-se desenvolver metodologias viáveis e uma justa avaliação. Sobretudo, a qualificação para atuar em uma escola, é fundamentalmente necessária.

Mediante isso, Santos (2007) considera que no esforço de inovar seu trabalho educativo, a experiência tem mostrado aos professores que eles não contam com os recursos necessários para investir na qualidade educacional, quer seja no campo da formação em serviço, quer nas relações intra-escolares, quer nos recursos materiais e didáticos e na valorização profissional. Eles têm consciência de que não é possível renovar os conteúdos, a metodologia e a didática sem os meios necessários.

E ainda o autor considera que é a partir dessa percepção que nascem muitos focos de resistência: inadequação de propostas recebidas no contexto de trabalho, acomodação ou “imobilismo” relativamente, a situações já existentes com relação a métodos, conteúdos ou atitudes que adotaram no decorrer da trajetória profissional.

Por esses motivos, advém a resistência a qualquer tipo de mudança que venha a ocorrer em seu espaço pedagógico.

Diante disso, é necessário criar mecanismos visando sensibilizar o professor da importância de se discutir a prática pedagógica, pois, a falta de uma maior reflexão sobre essa questão, como já foi mencionado, faz o professor permanecer na sua postura tradicional com uma atuação totalmente acrítica e reprodutiva. Compreende-se que para isso o pedagogo terá que buscar embasamentos teóricos para aperfeiçoar-se e assim contribuir com os demais profissionais para uma melhor compreensão de trabalhar no coletivo em todos os aspectos, buscando a eficácia em seu trabalho. Dando continuidade, perguntou-se sobre recursos didáticos para a leitura e escrita.

Quadro 4- Que recursos didáticos pedagógicos são utilizados para o ensino da leitura e escrita?
Fonte: Professores da EMEF Nova Conquista I em Itaituba-Pará/2020

PROFESSOR (A)	RESPOSTAS
P1	São utilizados desde os mais simples materiais como o quadro de giz até os recursos mais sofisticados como as tecnologias de computador e celulares.
P2	Cantinho de leitura, leitura com livros ilustrados, ditados de palavras, e jogos pedagógicos, dentre outros.
P3	Trabalho com leitura coletiva e individual, cantinho de leitura, caderno de caligrafia, procuro sempre trabalhar a letra cursiva.

Quanto aos recursos didáticos pedagógicos, os entrevistados afirmaram que se utilizam os mais diversos, das tecnologias mais simples às mais avançadas, como o quadro de giz ao computador e celulares, cantinho de leitura, leitura coletiva e individual, caderno de caligrafia, livros ilustrados, ditados, jogos pedagógicos e demais.

[...] a existência da prática educativa é um dos meios utilizados para se prover o indivíduo dos saberes e experiências culturais construídos historicamente pela humanidade, que os tornam aptos a atuar no meio social com condições de transformá-lo em função de suas necessidades coletivas, o que exige que, esta prática educativa esteja permanentemente em evolução [...] (LIBÂNEO, 2008, p. 17).

Atualmente vale destacar que o uso das tecnologias e de outros recursos didático-pedagógicos colabora muito com as aprendizagens significativas. No entanto, é preciso compreender que os recursos não substituem a ação do

professor, mas uma vez utilizados, servem de apoio ao processo de ensino e aprendizagem.

Assim, o professor por sua vez, continua sendo o provocador, o facilitador, o orientador que assume uma responsabilidade social na construção/reconstrução do conhecimento científico. Percebe-se que não há como participar ativamente de uma sociedade como agente de transformação sem o domínio da cultura científica, da escrita e leitura. Da mesma forma, sabe-se que o domínio desta, é resultante da relação estabelecida entre o aluno e o objeto de estudo, que pode ser mediada com o uso de recursos alternativos, a fim de tornar o conteúdo o mais significativo possível.

Neste sentido, a qualidade de ensino não deve estar atrelada simplesmente aos recursos utilizados pelo professor, mas sabe-se, que os recursos são ferramentas que ajudam o professor a ensinar melhor, e isso consiste em um desafio, tornar sua prática mais dinâmica no sentido de conduzir eficazmente seu aluno à aprendizagem e ao desenvolvimento intelectual.

Precisa-se compreender que uma aula diversificada, com recursos adequados, desperta o espírito crítico e permite ao aluno interagir com o objeto de estudo. É preciso entender a prática pedagógica como um momento de participação orientado e de construção conjunta entre os envolvidos nesse contexto.

Portanto, é diversificando as atividades, trabalhando conteúdos e utilizando recursos alternativos que se consegue a participação ativa do aluno no processo ensino-aprendizagem e conseqüentemente o seu crescimento pessoal, de forma que, possa aplicar e utilizar os conhecimentos adquiridos na prática social. Dando prosseguimento à investigação, questionou-se sobre as metodologias para a leitura e escrita na escola.

Quadro 5- Quais metodologias são utilizadas para as aulas de leitura e escrita? **Fonte:** Professores da EMEF Nova Conquista I em Itaituba-Pará/2020

PROFESSOR (A)	RESPOSTAS
P1	Os principais métodos são as oficinas de leituras e escritas realizadas na escola, com diferentes tipos de textos selecionados historicamente ou do cotidiano.
P2	É feita através de leitura e interpretação em três dias da semana. Onde todos participam da leitura e escrita.
P3	Trabalhos com leitura coletiva, e individual, cantinho de leitura, caderno de caligrafia, trabalhando sempre a letra cursiva.

Ao tratar-se de metodologias, os professores ressaltaram que são as mais diversas, como oficinas de leituras e escritas, com tipos diferenciados também, com textos históricos ou atuais. Também há atividades em três dias da semana, com leitura individual e coletiva, e cantinho de leitura e escritas cursivas.

Atualmente é importante que a teoria pedagógica guia as práticas docentes, mas a prática pedagógica constrói a rede de experiências pelas quais o professor pode construir e reconstruir suas intervenções em sala de aula. Ao criar o hábito de refletir sobre a sua prática, o professor oportuniza o olhar crítico e transformador de sua didática, trazendo para o planejamento as considerações que percebeu nessas reflexões.

Assim, o processo de ensino e aprendizagem, se estende à sala de aula, tendo em suas premissas a reflexão da prática docente sobre as interações entre o professor, o aluno e a produção do conhecimento que se almeja.

Conforme afirma Freire (1996), para o professor formador, o momento mais significativo em sua experiência é o da reflexão sobre a própria prática, pois, pensando e repensando a prática atual e a mais antiga é que se pode transformar a próxima prática. Sendo assim, cabe ao professor alfabetizador aprimorar cada vez mais seu trabalho cotidiano, a partir da reflexão do que já se tem realizado e do que pode ser melhorado. A preocupação apresentada em diversificar as metodologias e considerar a contextualização do aluno no processo de alfabetização é de grande relevância e demonstra um momento reflexivo de cada educador.

Neste sentido, as estratégias de ensino precisam levar em consideração todos esses fatores que interferem no ensino e aprendizagem, pois ao se adaptar a estas questões, se torna mais prazerosa para ambos os envolvidos no processo que é o professor e o aluno. Entendendo a leitura e escrita como dois lados da mesma moeda, o professor se mostra mais preparado a motivar os alunos a entrarem nesse processo, assim a alfabetização ocorre naturalmente atrelada às interações vivenciadas pelos educandos. A vida social de cada aluno inicia-se na família e prossegue na escola. Ao prosseguir, foi interrogado sobre a estrutura da escola para aulas dinâmicas.

Quadro 6- A escola dispõe de estrutura e de espaços adequados para as dinâmicas das aulas? Fale sobre. **Fonte:** Professores da EMEF Nova Conquista I em Itaituba- Pará/2020

PROFESSOR (A)	RESPOSTAS
P1	Na escola em que eu trabalho ainda não dispõe desses espaços; porém a mesma está passando por um processo de reconstrução, o que nos deixa feliz, pois com certeza terão espaço adequado e necessário.
P2	Antes não tinha, mas com a construção da nova escola, teremos sim e com isso teremos um grande avanço e o ensino só vai melhorar.
P3	A escola não dispõe de estrutura e nem de material pedagógico. Desta forma, os materiais pedagógicos confeccionados na maioria das vezes são com recursos próprios.

Ao serem questionados se a escola dispunha de estrutura e de espaços adequados para aulas dinâmicas, os professores responderam que com a construção da nova escola haverá esse espaço necessário, e que haverá grande avanço para a melhora do ensino; pois atualmente não dispõe de materiais pedagógicos e os mesmos são confeccionados, com recursos próprios, dos professores.

Desta forma, percebe-se que a estrutura da escola não é suficiente para o desenvolvimento integral do aluno e especialmente da leitura e escrita. Ademais, o conceito de infraestrutura escolar vai desde itens básicos, como o fornecimento de água, energia elétrica, manutenção e limpeza dos ambientes, salas de aulas confortáveis com mobiliários adequados e de boa qualidade, banheiros e cozinha, passando por locais de convivência como pátios, parques e brinquedoteca. Além de espaços de apoio didáticos como bibliotecas, laboratórios, quadras, entre outros espaços para organização do funcionamento do colégio, como salas de professores, coordenadores e diretores, secretarias, almoxarifados, dentre outros essenciais.

Também vale mencionar os equipamentos e materiais didático-pedagógicos, como computadores com acesso à internet e demais insumos tecnológicos são precisos neste terceiro milênio, em cada escola, que trabalhe o desenvolvimento do aluno, por estar inserido no contexto da global.

Mediante a questão, investir na infraestrutura escolar, portanto, é garantir a possibilidade de oferecer ao aluno, amplas possibilidades de ter um ensino de qualidade durante seu período escolar, evitando inclusive, a evasão escolar. Os avanços tecnológicos devem estar cada vez mais presentes na sala de aula. Utilizar aparelhos eletrônicos como notebooks, celulares e tablets nas aulas é uma necessidade que acompanha a evolução intelectual e cognitiva dos próprios alunos.

É importante considerar que os alunos estão imersos nessa tecnologia, e os educadores precisam compreender que a aula tradicional, focada apenas no livro didático, já não é mais a realidade dos estudantes dessa geração. E precisa-se rever que até mesmo o professor atualize-se para também acompanhar os avanços tecnológicos na escola.

Na realidade, os alunos estão exigindo cada vez mais novos recursos didáticos, pois é com aulas dinâmicas e tecnológicas que eles se sentem motivados. Portanto, as escolas precisam investir em tecnologia e, conseqüentemente, na capacitação dos professores, já que ter conhecimento amplo sobre a matéria não será satisfatório. O docente precisará ter contato com as inovações tecnológicas e saber despertar a curiosidade, lançar desafios e propor reflexões sobre os conteúdos.

Há a necessidade de laboratório de informática, como um espaço essencial dentro de um ambiente escolar e, obviamente, os computadores devem acompanhar os avanços da tecnologia, como também os celulares. Na atualidade, em que o mundo tecnológico está em evidências, principalmente por causa da pandemia, em que a reforma das tecnologias da informação precisam ter adaptações e aptidões, é preciso inovar, economizar tempo, facilitar as tarefas mesmo tornando-as complexas, para que o aluno se dê bem no âmbito escolar. Finalmente, a questão que aborda a contribuição da família para o desenvolvimento do aluno.

Quadro 7- A família contribui para desenvolvimento do aluno? Justifique sua resposta. **Fonte:** Professores da EMEF Nova Conquista I em Itaituba-Pará/2020

PROFESSOR (A)	RESPOSTAS
P1	Com certeza sim; pois a família tem um papel fundamental em todas as áreas do processo de aprendizado do aluno, para que o mesmo obtenha sempre êxito.
P2	Em alguns casos, sim; mas temos dificuldades com outros pais. É uma luta constante que passamos, mas todo dia é um novo dia, e um novo recomeço. E um grande professor nunca desiste d seus alunos.
P3	Era para ser assim, ter o apoio da família mais presente; pois sem esse apoio é difícil, o aluno ter êxito no seu aprendizado.

Quanto à contribuição dos pais para o desenvolvimento educacional dos filhos, os professores responderam que certamente a família tem um papel fundamental para o aprendizado do aluno; mas também responderam que há muitas

dificuldades com outros pais, tornando-se uma luta constante, a fim de ter o apoio destes; pois sem esse apoio é difícil o aluno ter sucesso nos estudos.

Neste sentido, é muito importante que as escolas entendam que seus clientes, em sua maioria, são os pais. Sendo assim, recebê-los da melhor forma possível é primordial para que eles continuem fidelizados, engajados e atuantes nas atividades escolares de seus filhos.

Como ressalta Szymanski (2004) o processo de socialização, acontece por meio das práticas educativas, favorecendo um melhor convívio familiar e a inserção dos filhos na sociedade, contribuindo com ações que desenvolvem a compreensão de valores, crenças e conhecimentos para a convivência com o outro, mostrando a importância de socialização. É na família, mediadora entre o indivíduo e a sociedade, que aprendemos a perceber o mundo e situar-se nele.

Diante disso, é a família formadora de primeira identidade social. Ela é o primeiro ponto a quem aprendemos a nos referir. É nessa instituição, pois, que se dão os primeiros contatos com o mundo das regras dos valores vigentes na sociedade. Ao se constituírem nas primeiras referências e figuras da autoridade, os pais se tornam responsáveis pelas diversas formas com que seus filhos irão lidar posteriormente com os limites impostos pela vida em sociedade. Ao assumir esse papel formador, a família participa com a escola de um projeto comum, que é o da formação da educação da criança e do adolescente e, seu contexto social.

Deve-se compreender que a dificuldade de aprendizagem de uma criança, ou um adolescente, pode representar sintomas e manifestação da falta e precariedade dos vínculos familiares, ou dos pais. Educar não é uma tarefa tão simples e requer meios de integração e socialização no convívio escolar, como também se faz necessário auxiliar e realizar ações que possam influenciar a família no processo de aprendizagem.

Assim, constata-se que relação entre a escola e a sociedade deve ser alargada dentro das possibilidades, trazendo os pais para dentro da escola, pois traz inúmeros benefícios a todos os envolvidos no contexto educacional. Os pais não devem ser convocados somente para tomar conhecimento de como anda seu filho na escola e sim também para contribuir com suas experiências para o melhoramento da escola, sua capacidade de interação e socialização, a vida de seus filhos no longo período da sua existência na escola.

Portanto, A escola precisa demonstrar seu plano de atuação e esboçar este, perante a família, evidenciando assim ações na qual favoreça a participação desta, para que assim, as duas exerçam uma parceria compromissada que afete o desempenho do aluno. Contudo, para a construção de uma parceria entre família e escola serão encontrados vários obstáculos, mas se ambos caminharem com os mesmos objetivos, estes devem ser vivenciados e compartilhados, com o intuito de designarem formas e meios de superarem, abrindo novos horizontes, para que assim, aconteçam e fortaleçam os vínculos esperados permitindo o desempenho acadêmico do sujeito, que será trará benefícios para o resto de sua vida.

3.5 PROPOSTAS CONTRIBUINTES

Em pleno Séc. XXI é preciso tornar prazeroso o ato de aprender e de construir signos as suas atitudes, suas formas críticas para reconhecer; reconhecer-se dentro dos conceitos estabelecidos e os que ainda serão estabelecidos por outros ou por cada aluno ou professor envolvido no contexto educacional. A leitura e a escrita devem ser constantemente trabalhadas por meio das atividades pedagógicas, com grande quantidade de textos e livros da literatura infantil, a fim de estimular os alunos sobre a imagem de outros mundos através do ato de ler. Percebe-se a necessidade da aplicação coerente de atividades que despertem este prazer , e estas devem estar presentes diariamente na vida de cada aluno que frequenta o ambiente escolar.

Não é desconhecido que ler e escrever são atividades que se complementam, proporcionando ao aluno chances de escrever bem, já que a leitura fornece matéria-prima para a escrita, pois quem lê mais dispõe de um vocabulário enriquecedor através de textos variados, interessantes e divertidos. Entre os grupos ou população, as crianças nos anos iniciais são as mais fáceis de serem alfabetizadas, pois a disponibilidade de tempo para dedicassem à alfabetização é maior que outros grupos superiores.

Diante disso, esses possuem conceitos elaborados a respeito de assuntos pertinentes à aquisição da leitura e escrita. Para que este processo ocorra de forma significativa, é necessário que os educadores utilizem em suas práticas diárias, metodologias que despertem o interesse dos alunos e favoreçam o seu

desenvolvimento de forma bem dinâmica e que chame a atenção dos futuros leitores.

Por isso, de acordo com o resultado de uma investigação na EMEF Nova Conquista I em Itaituba-Pará, sobre as dificuldades e desafios da escrita e leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental, surgiu a necessidade de algumas propostas para facilitar a vida dos professores em relação ao tema estudado, que consistem em:

- 1 - Renovar metodologias para as aulas de escrita e leitura
- 2 - Promover atividades lúdicas que motivem, fascinem e facilitem as aulas de Língua Portuguesa.
- 3 - Desenvolver oficinas para a leitura e escrita, para todos os anos iniciais do Ensino Fundamental.
- 4 - Projetar aulas durante todos os dias de semana, trabalhando a escrita e a leitura.

Diante disso, almeja-se que a leitura represente uma atividade fundamentalmente fascinante na escola. Também deve ser compreendida, como uma forma de arte, pode ser considerada como a manifestação da alma e do intelecto humano, a partir de um recorte da realidade.

O ato de ler e escrever devem ser prazerosos e não apenas um dever do leitor, não pode apenas permanecer no ato de apenas identificar a história lida ou contada, é necessário ampliar e se concentrar na apreensão da complexidade e sedução da leitura, que espera pelo aluno uma comunicação intelectual, emocional e filosófico a cada virada de página, constituindo em um espetáculo de descobertas, emoções, visando o querer mais e mais.

CONCLUSÃO

De acordo com o trabalho desenvolvido na escola mencionada, conclui-se, que a leitura, desde tempos remotos moldou seus pilares dentro da sociedade, e é essencial fonte de inspiração, conhecimento e sabedoria. Desta forma, é assim que se busca acreditar que sejam os leitores que se pretende formar, com visão de mundo e de conhecimento ao ler e escrever.

Percebeu-se dessa forma, que há dificuldades dos alunos, que consistem em desafios na escola, relativo á leitura e escrita, e que estas questões surgem devido à falta de interesse do próprio aluno, a falta de materiais didático-pedagógicos, a falta de colaboração dos pais para o incentivo dos alunos e participação na escola.

Na escola, os professores buscam se qualificar, através de cursos e pesquisas, inovam materiais didáticos para um trabalho eficaz e pela busca ao aprendizado aos alunos. Os mesmos também utilizam materiais didáticos pedagógicos diferenciados, de estratégias interessantes e afirmam que a escola ainda está sendo estruturada, com uma nova construção mais adequada e eficiente.

Em relação aos pais, os entrevistados ressaltaram que são necessários para a vida escola dos pais. Porém, há dificuldades pela ausência dos mesmos na escola, pois têm suas ocupações e por esse motivo, pouco se fazem presente na vida educacional dos filhos.

Neste sentido, a leitura e a escrita não é somente uma saída para outro universo, mas é uma fonte fiel e inesgotável de assuntos, de saberes, de curiosidades e de reflexões. Moldar, dignificar e ensinar não está distante do simples e grandioso hábito de passar o olho por letras, o formar de sílabas e ler as palavras, dando som aos símbolos. A palavra ganha vida e extrapola todas as linhas, dando nome a tudo que se conhece e sendo indispensável à vida, como uma identidade do homem como ser pensante e comunicativo.

Mediante a questão, é importante ressaltar que nos primeiros anos da escola a atenção tem que estar voltada para as atividades do período pré-escolar, sendo contínuas, trabalhando com relato de histórias e, através dele colecionando palavras, tendo como fundamento a expansão do vocabulário considerado o mais importante para o ensino da leitura, como também incentivar a criança realizando a prática diariamente dentro ou fora da escola, tornando mais fácil a aprendizagem nos primeiros anos de escola.

Portanto, o espaço potencial de leitura permite à criança, criar e recriar o mundo em que vive, adaptando-se ao ambiente que lhe foi concebido naquele momento, facilitando um encontro consigo mesma. Utilizar objetos pessoais e compartilhar auxilia no desenvolvimento emocional do ser humano, onde já consegue diferenciar qual é parte de seu interior e qual a parte de seu mundo externo relacionado à sua cultura. Ademais, nas práticas de leitura, deve-se propiciar, de histórias seguidas de várias atividades, permitindo abertura para a fantasia, imaginação, simbolização e construção de sentido. A criança é um ser em desenvolvimento e deve ser trabalhada educacionalmente de forma fascinante.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé, 1937. **Aula de português: encontro & interação**, – São Paulo: Parábola. Editorial, 2003.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: Por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BRASIL. **Constituição: República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. 3 ed. Brasília: A Secretaria, 2011.
- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 2006.
- BATISTA, Antônio G. et al. **Pró-letramento: alfabetização e linguagem**. Brasília: Ministério da Educação, 2007.
- BELLONI, M.L. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- CAGLIARI, Luis C. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione. 1999
- COLELLO, Sílvia M. G. (1995). **Alfabetização em questão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- CRUZ, Vitor. **Uma abordagem cognitiva da leitura**. Lisboa: Lidel, 2007.
- FIGUEIREDO, Olívia. **Didáctica do Português Língua Materna**. Lisboa, ASA, 2005.
- FERREIRO, Emília. Seminário regional sobre alternativas de alfabetização para a América Latina e o Caribe. **Alternativas para a compreensão do analfabetismo na região**. Brasília: Ministério da Educação/OREALC.1986
- FERREIRO, Emília. **Cultura escrita e educação**. Porto Alegre, Artes Médicas, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 1996
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 22. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 2003
- KLEIMAN, A. **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas: Pontes. 1989
- GARCIA, Regina L (1992). **Alfabetização dos alunos das classes populares**. São Paulo: Cortez.

GERALDI, João Wanderlei. **O texto na sala de aula: leitura e produção**. Cascavel: ASSOESTE. 1984

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. 4.ed. São Paulo: Ática, 2006.

KLEIMAN, Ângela. **A concepção escolar da leitura**. In: **Oficina de leitura. Teoria e Prática**. 7ª ed. Campinas: Pontes, 2000.

KLEIMAN, Ângela. **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas: Pontes. 2007.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 28. ed. São Paulo: Cortez, 2008. (Coleção magistério. Série formação do professor).

LUFT, Celso Pedro. **Moderna Gramática Brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Globo, 2002.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MELLO, S. A. (2005). **O processo de aquisição da escrita na educação infantil: contribuições de Vigotsky**. In Faria, A. L.G. & Mello, S. A. (Orgs.). **Linguagens infantis: outras formas de leitura** (pp.23-40). Campinas: Autores Associados.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt; SOUZA, Jusamara Vieira; SCHÄFFER, Neiva Otero et al. (orgs.). **Ler e Escrever: compromisso de todas as áreas**. 8. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

NOGUEIRA, Maria Alice. **Família e escola: Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. (Orgs.) Geraldo Romanelli, Nadir Zago. 5. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PAUL, Richard e ELDER, Linda. **Como ler um parágrafo a mais . Fundamentos para o Pensamento Crítico**. 2003. Disponível em: www.org. Acesso em: Junho/2020.

PCN. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa/Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental**. 3ªed. Brasília: A Secretaria, 2001.

PASQUALINI, Joseni Terezinha Frainer. **Metodologia e conteúdos básicos de língua portuguesa/Joseni Terezinha Frainer Pasqualini**. Indaial: Uniasselvi, 2012.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Guanabara.1987.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática**, ALB. Mercado de Letras, 2003.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social** – São Paulo: Párbola Editorial, 2009.

SABINO, Maria Manuela do Carmo de. **Importância educacional da leitura e estratégias para a sua promoção**. Revista Iberoamericana de Educación ISSN:

1681-5653 n.º 45/5 – 25 de março de 2008. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/2398Sabino%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/2398Sabino%20(1).pdf) Acesso em: Maio/2020.

SANTOS, S. M. M. **Formação continuada numa perspectiva de mudança pessoal e profissional**. Disponível em www.uefs.br/ Acesso: dezembro/2007.

SILVA, E. T. da. (2005). **Elementos de pedagogia da leitura**. São Paulo: Martins Fontes.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 4. ed. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1987.

SILVA, Klyvia Larissa de Andrade. **Formar Leitores: um desafio da escola**. Revista ABC Educatio. Junho/2010.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 5ª ed., São Paulo: Contexto, 2008.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. - 1ª Edição. São Paulo: Editora Gente, 1996.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 52.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. 8ª Ed.- São Paulo, Cortez, 2006. – (Coleção Questões da Nossa Época ; v.47)

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes. 1988.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SZYMANSKI, Heloisa. **Práticas educativas familiares: A família como foco de atenção psicoeducacional**. Rev. Estudos de psicologia, PUC Campinas, v. 21, n.2, p. 5-16, maio/agosto 2004.

APÊNDICES



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
PORTARIA/MEC Nº. 2560 DE 15/09/03**

Este questionário faz parte de um Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba- Pará, intitulado “Dificuldades da leitura e escrita nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental”

QUESTIONÁRIOS PARA OS PROFESSORES

IDENTIFICAÇÃO:

Sexo: _____ Idade: _____

Graduação: _____

Pós-Graduação: _____

Tempo de trabalho nesta escola: _____

Já trabalhou em outro estabelecimento de ensino? _____

**1ª) Para você, por que há dificuldades na leitura e escrita no ensino
aprendizado dos alunos? (Falta de recursos metodológicos, didáticos, etc).**

**2ª) Quais os desafios do professor em relação à escrita e leitura de alunos nas
séries iniciais do Ensino Fundamental?**

3ª) Como você se qualifica para o exercício de docência, sobre escrita e leitura?

4ª) Que recursos didáticos pedagógicos são utilizados para o ensino da leitura e escrita?

5ª) Quais metodologias são utilizadas para as aulas de leitura e escrita?

6ª) A escola dispõe de estrutura e de espaços adequados para as dinâmicas das aulas? Fale sobre.

7ª) A família contribui para desenvolvimento do aluno? Justifique sua resposta.

OBRIGADA POR COLABORAR COM MEU TRABALHO ACADÊMICO!